

ANTONIO GOMES DE SOUZA FILHO

DISLEXIA E LEITURA

Orientador: Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa

2016

ANTONIO GOMES DE SOUZA FILHO

DISLEXIA E LEITURA

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 8 de janeiro de 2016, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 339/2015, de 21 de setembro de 2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor António Teodoro

Arguente:

Prof.^a Doutora Isaura Rodrigues Sanches da
Fonseca

Vogal:

Prof.^a Doutora Rosa Serradas Duarte

Orientador:

Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2016

O primeiro objeto de qualquer ato de aprendizagem, acima e além do prazer que nos possa dar, é o de que deverá servir-nos no presente e valer-nos no futuro.

JEROME BRUNER

DEDICATÓRIA

De todo coração ao meu querido filho, Antonio Neto, que no caminho que trilhar, tenha sempre como referência, a busca do conhecimento como um objetivo constante de sua vida.

AGRADECIMENTOS

A minha família, minha esposa Ana e meu filho, pela paciência que tiveram sempre que buscavam a minha presença e me encontravam na mesa de trabalho na elaboração desta pesquisa.

Aos meus alunos e colegas professores da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, pelos constantes debates realizados em sala de aula e fora dela, que ampliaram meus conhecimentos acerca dos processos de aprendizagem e seus obstáculos.

Ao meu Orientador e meu mestre Professor Dr. Óscar de Sousa pelos seus ensinamentos e orientações, sem os quais, não teria conseguido avançar no caminho do meu processo de aprendizagem.

RESUMO

A presente pesquisa, nasceu da necessidade de aprofundamento no estudo da dislexia, visando respostas, para a questão dos reflexos do transtorno da dislexia no sujeito disléxico, buscou informações que pudessem explicar o quanto o sujeito disléxico, é afetado em sua autoestima, em razão dos reflexos de sua dificuldade na aprendizagem da leitura da língua escrita. O objetivo principal foi compreender as dificuldades de leitura do disléxico e sua influência na formação de sua autoestima e consequente reflexo no seu desempenho escolar. Foi investigado, o disléxico no seu convívio escolar com professores e colegas de classe, bem como o seu convívio familiar, com os pais e irmãos. O estudo das relações escolares e familiares serviram de base para explicar os efeitos de suas experiências na sua autoavaliação. A pesquisa está classificada quanto aos seus objetivos como uma pesquisa descritiva, de cunho qualitativa, e quanto aos seus procedimentos metodológicos, como uma pesquisa bibliográfica apoiada por um estudo de campo. A pesquisa bibliográfica, se constituiu por uma seleção dos principais teóricos que estudam temas relevantes com o teor da pesquisa como: Shaywitz, (2006), Capellini; Conrado; Capano (2012) Capovilla & Capovilla, (2000), Silva (2012), Sousa, (2000, 2010), Valett (1989). O estudo de campo envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com sujeitos de pesquisa, constituídos por três profissionais especialistas que lidam com sujeitos disléxicos, um pai de criança disléxica e dois sujeitos disléxicos. O resultado da pesquisa mostrou que a dislexia causa obstáculos na decodificação fonológica para o sujeito disléxico, que sem apoio escolar e familiar não terá condições de superar esses obstáculos, desenvolvendo uma percepção negativa de seu potencial de aprendizagem, levando-o, a formação de uma baixa estima que potencializa as suas dificuldades de aprendizagem de leitura da língua escrita.

PALAVRAS – CHAVE:

Dislexia. Autoestima. Dificuldade de aprendizagem de leitura. Processo de aprendizagem da leitura.

ABSTRACT

This research, born of the need of further study of dyslexia, seeking answers to the question of dyslexia disorder reflected in the subject dyslexic, sought information that could explain how the subject dyslexic, is affected in their self-esteem, because of reflections of their difficulty in reading the written language learning. The main objective was to understand the reading difficulties of dyslexic and its influence in the formation of self-esteem and consequent reflection on their school performance. Was investigated, the dyslexic in your school life with teachers and classmates, and their family life, with parents and siblings. The study of school and family relationships were the basis to explain the effects of their experiences in their self assessment. The research is classified as to their goals as a descriptive, qualitative nature, and as to their methodological procedures, as a literature supported by a field of study, the literature was formed by a selection of leading theorists who study relevant topics to search content as Shaywitz, (2006), Capellini; Conrado; Capano (2012) Capovilla & Capovilla (2000), Silva (2012), Sousa (2000, 2010), Valett (1989). The field study involved the use of semi-structured interviews with study subjects consisted of three professional experts who deal with dyslexic subjects, a dyslexic child's father and two dyslexic subjects. The research result showed that dyslexia because phonological decoding obstacles to the subject dyslexic, that no school and family support will not be able to overcome these obstacles by developing a negative perception of their learning potential, taking it, the formation of a low esteem which enhances their difficulties in reading the written language learning.

KEY - WORDS:

Dyslexia. Self-esteem. Reading learning disability. Reading learning process.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	09
1 DISLEXIA E SUA CARACTERIZAÇÃO.....	12
1.1 Definição e origem dos estudos da dislexia.....	12
1.2 Evolução histórica.....	13
1.3 Características da dislexia.....	16
1.4 Consciência fonológica e dislexia.....	20
2 APRENDIZAGEM DA LEITURA.....	24
2.1 Processo fonológico da leitura.....	26
2.2 Processo de leitura no cérebro.....	30
3 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM CRIANÇAS DISLÉXICAS.....	34
3.1 Prevalência da dislexia.....	34
3.2 Intervenções no processo de aprendizagem da leitura em dislexia.....	35
4 AUTO ESTIMA E DISLEXIA.....	39
5 PROBLEMÁTICA.....	41
5.1 Questão de partida.....	42
5.2 Objetivos.....	43
5.2.1 Geral.....	43
5.2.2 Específicos.....	43
6. METODOLOGIA	44
6.1 Tipo de pesquisa.....	44
6.2 População e sujeitos	44
6.3 Instrumentos	44
6.4 Procedimentos.....	46
7. ANÁLISE DE DADOS.....	47
7.1 Procedimentos.....	47
7.2 Dislexia e seus fatores.....	48
7.3 Influencias do ambiente escolar.....	52
7.4 Influencias do ambiente familiar.....	53
7.5 Influencias na autoestima do sujeito dislético.....	55

7.6 Intervenções na escola.....	58
7.7 Intervenções na família.....	61
7.8 Intervenções no sujeito disléxico.....	63
8. DISCUSSÃO.....	67
CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICES.....	74

INTRODUÇÃO

Enquanto profissional das áreas de Psicopedagogia e Psicologia nos últimos dez anos e atuando na docência de cursos de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional desde 2004, atuando também como Supervisor de estágios de Psicopedagogia Clínica e Coordenador do Núcleo de Psicopedagogia da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, tenho realizado vários diagnósticos de dificuldade de aprendizagem em leitura, especificamente relativos ao distúrbio da Dislexia, e aplicado intervenções Psicopedagógicas junto aos disléxicos identificados, através de acompanhamentos e uso de técnicas pedagógicas de estimulação de leitura. Esta prática possibilita realizar observações do efeito deste transtorno nos sujeitos por ele afetados, nomeadamente aspectos relacionados à baixa estima e desprazer pela leitura, comuns na maioria dos casos, uma vez que o processo de leitura se apresenta como um grande obstáculo de difícil transposição levando a uma afetação geral nos valores.

A condição de Psicopedagogo na lida com disléxicos, instigou-me a realizar uma pesquisa buscando identificar a influência da dislexia nas dificuldades de aprendizagem da leitura e a sua consequência na formação da autoestima do disléxico bem como, avaliar os efeitos nos seus valores, condições afetivas junto ao seu grupo social e consequências do seu rendimento geral.

Com base na experiência com sujeitos disléxicos surgem questões relacionadas a: como se sente o disléxico quando tenta aprender a leitura? qual o sentimento predominante em relação à sua dificuldade de leitura? como se percebe na comparação com outros sujeitos que não são disléxicos e que não enfrentam a mesma dificuldade que ele, para interpretar os símbolos linguísticos? como os sintomas da dislexia são percebidos pelos pais, professores e colegas?

A pesquisa teve como objetivo compreender as dificuldades de leitura do disléxico e sua influência na formação de sua autoestima e nos seus valores e o consequente reflexo no seu desempenho escolar. Foi realizada no Núcleo de psicopedagogia da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes em Porto Seguro.

Um dos aspectos preponderantes para a investigação foi estudar os processos que atuam na aprendizagem da leitura, para isso procurou-se estudos sobre as teorias de aprendizagem da leitura, e optou-se por se fixar na teoria do duplo canal, a teoria mais

importante atualmente e mais atualizada na questão da aprendizagem da leitura e escrita. O estudo desta teoria, possibilitou uma percepção detalhada das dificuldades que o disléxico enfrenta na sua luta para aprender a ler.

O estudo possibilitou a ampliação do conhecimento acerca das manifestações do espectro disléxico, relacionados aos fatores que influenciam as dificuldades do disléxico na aprendizagem da leitura.

Tratou-se, de uma pesquisa de cunho qualitativo, classificada quanto aos objetivos como uma pesquisa descritiva e quanto aos seus procedimentos metodológicos, como uma pesquisa bibliográfica que foi complementada por um estudo de campo.

A pesquisa bibliográfica investigou trabalhos de vários autores sendo os principais pesquisados, entre outros:

Shaywitz, (2006) que contribuiu com o conhecimento da natureza da dislexia, o funcionamento do cérebro e com o resultado de suas pesquisas com neuroimagens, que comprovam claramente a relação do funcionamento de diversas áreas do cérebro, com a aprendizagem da leitura da língua escrita e a importância da interpretação fonológica no processo de aprendizagem da escrita. Mostrou também a dificuldade de decodificação fonológica do disléxico. Capellini; Conrado; & Capano (2012) com seus estudos sobre desempenho de escolares, com e sem dificuldades de aprendizagem, complementaram as informações da necessidade da habilidade fonológica, para uma nomeação rápida da leitura e escrita. Capovilla, & Capovilla, (2000) mostram o efeito e a importância da intervenção fonológica no disléxico, Sampaio (2010) seguindo a mesma linha contribuiu com seus estudos sobre a aplicação de intervenção fonológica em escolares que apresentavam o quadro da dislexia. Sousa, (2000, 2010) fornece subsídios teóricos para o entendimento do processo de aprendizagem. Através de seus estudos publicados em artigos da Revista Lusófona de Educação, apresenta a teoria mais aceita atualmente para explicar o processo de aprendizagem, que é, a teoria do duplo canal. Valett, (1989) Traz informações atuais sobre as causas neurológicas da dislexia. Silva (2012) traz seus estudos publicados em Lisboa, onde avalia o efeito da dislexia na autoestima de crianças portadoras deste distúrbio.

O relatório da pesquisa está estruturado em sete capítulos. Os quatro primeiros se referem ao *Enquadramento teórico*. O primeiro capítulo apresenta a *Dislexia e sua caracterização*, onde se faz uma apresentação geral do tema, envolvendo características, conceito, origens e histórico da dislexia. O segundo capítulo versa sobre a *Aprendizagem da*

leitura onde se procurou analisar as várias teorias e estudos que se referem ao processo de aprendizagem da leitura. O terceiro capítulo mostra as *Intervenções pedagógicas em crianças disléxicas*, que foca os estudos de prevalência da dislexia e as metodologias pedagógicas mais aplicadas nos processos de intervenção. O enquadramento teórico é finalizado com um capítulo acerca da *Autoestima e dislexia*, que estuda o efeito da dislexia na formação da autoestima do sujeito disléxico.

O texto dissertativo apresenta ainda capítulos que apresentam a Problemática, Metodologia, a Análise de dados seguidos da Discussão e das Conclusões da pesquisa.

A análise dos dados seguiu a metodologia da análise interpretativa, subsidiada por autores do campo da metodologia científica, entre eles Laville & Dionne (1997), que possibilitaram uma sistematização metodológica na construção do processo investigativo. Os padrões seguidos são constantes da ABNT.

A análise dos dados buscou interpretar as características da dislexia e seus fatores baseados no estudo de campo, de investigação; apresenta as influências da dislexia no contexto vivido pelo disléxico, onde são avaliados o ambiente escolar, o ambiente familiar e o ambiente de percepção do próprio sujeito disléxico quanto a sua autoestima. e as intervenções que estão sendo realizadas para o controle da dislexia na escola, na família e no sujeito disléxico.

A discussão relacionou os aspectos teóricos com os dados obtidos no estudo de campo.

A conclusão da pesquisa mostrou que os obstáculos enfrentados pelo disléxico, seja na escola, no convívio com professores despreparados, ou no contexto familiar, onde os pais não entendem o porque *da não aprendizagem*, do filho gerando comparações com os irmãos que não são disléxicos, levam a um choque emocional e perda da confiança e em seus valores, levando o sujeito disléxico, a desenvolver, um quadro que influencia diretamente a sua autoestima, provocando um quadro de baixa estima, com a desvalorização de seu potencial para aprendizagem. A pesquisa também mostra alternativas metodológicas para enfrentar a dislexia que produzem resultados satisfatórios na reeducação e estimulação do processo de decodificação fonológica do sujeito.

1. DISLEXIA E SUA CARACTERIZAÇÃO

1.1 Definição e origem dos estudos da dislexia

Segundo Shaywitz (2006) as raízes históricas da dislexia estão relacionadas com descobertas de médicos ingleses em uma localidade rural de Seaford na Inglaterra que escreveram artigos que continham informações sobre crianças inteligentes com estrutura social de famílias escolarizadas e de alto poder aquisitivo, que estudavam em escolas bem estruturadas e com professores competentes e que não conseguiam aprender a leitura.

Shaywitz (2006), cita que Paul Broca foi um cientista que nos anos da década de 1860 se dedicava à pesquisa das funções cerebrais.

Broca ao examinar um paciente Chamado Leborgne de 51 anos que havia falecido e era portador de cegueira verbal, nome dado para a deficiência em leitura (dislexia), ou seja, não conseguia ler um número satisfatório de palavras em consequência de problemas de ordem neurológica e cerebral, descobriu que havia uma área do cérebro do paciente que tinha uma grande lesão, essa área era localizada na região frontal esquerda do cérebro. As experiências demonstram ser a área responsável pela fala. Pacientes com afasia, (perda da fala) possuem baixo funcionamento desta área (SHAYWITZ, 2006).

A enorme complexidade do cérebro em sua fase de desenvolvimento inicial apresenta uma miríade de oportunidades para que haja uma conexão errada ou falsa. Neste contexto, podemos começar a considerar a gênese das dificuldades relacionadas à dislexia.

La lectura representa un tipo de aprendizaje inter-modal crítico en el funcionamiento de las sociedades contemporáneas. En general, los niños adquieren la lectura con normalidad pero, aproximadamente, uno de cada diez muestra serias dificultades de adquisición, con independencia del país y de la lengua de que se trate. Diferentes regiones cerebrales participan en el reconocimiento y producción del lenguaje escrito (PUENTE; JIMÉNEZ; ARDILA, 2009, p. 28).

Podemos observar que segundo Puente; Jimenez & Ardila (2009), a incidência da dislexia se caracteriza por uma em cada dez crianças, uma incidência assustadora mesmo porque em muitas situações esse transtorno deixa de ser identificado.

A dislexia é considerada por alguns autores dentro de dois parâmetros conceituais relacionados com a sua origem:

- a) Dislexia do desenvolvimento, como sendo a forma da dislexia de origem neurobiológica, congênita e hereditária;
- b) Dislexia adquirida que é consequência de um traumatismo craniano, acidente vascular cerebral ou outro qualquer fator que venha a afetar o cérebro na área responsável pela leitura (BRAGA, 2011).

A dislexia também possui na sua origem duas raízes gregas *dis* quer dizer dificuldade, e *lexia* que diz respeito à leitura. Sendo assim, dislexia quer dizer dificuldade para ler.

A definição mais utilizada, segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), é a de 1994 da International Dyslexia Association (IDA): Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de origem constitucional caracterizado por uma dificuldade na decodificação de palavras simples que, como regra, mostra uma insuficiência no processamento fonológico.

A definição proposta pelo DSM-IV-TR (2002), situa essa condição no quadro das perturbações de aprendizagem. De acordo com o DSM-IV-TR (2002), a dislexia define-se como um desempenho na leitura substancialmente abaixo daquilo que seria de esperar - ao nível da exatidão, velocidade ou compreensão, conforme os resultados de medidas padronizadas de avaliação individual - em função da idade cronológica, do Q.I. e do nível de escolaridade (VALE et AL, 2011).

1.2 Evolução histórica

No Mundo

Silveira (2012) identificou como primeiros registros de casos de dislexia aqueles publicados por três médicos ingleses, Hinshelwood em 1895, Morgan em 1896 e Kerr em 1895.

“Foi James Hinshelwood, cirurgião oftalmologista escocês, quem sugeriu o termo dislexia ao verificar certas distorções perceptivas em crianças que não conseguiam reconhecer ou compreender palavras impressas.” (SILVEIRA, 2012, p. 8)

Já Catia Titoni (2010) afirma que foi Reinhold Berlin que em 1872 usou pela primeira vez o termo Dislexia.

A autora também cita pesquisadores como W. Pringle Morgan médico Inglês, em 1896 e James Kerr, em 1897 que ao analisarem a Cegueira Verbal, também fizeram estudos sobre os sintomas da Dislexia. Nessa época entendia-se que os sintomas tinham motivos orgânicos.

Em 1925, Samuel Orton, psiquiatra, neuroanatomista, interessou-se por esse distúrbio no aprendizado e fez estudos em cérebros humanos de cadáveres. Ele propôs várias hipóteses para a ocorrência da dislexia e também vários procedimentos para minimizar suas dificuldades (IANHEZ & NICO, 2003) (TITONI, 2010, p. 12).

Para Hinshelwood de acordo com Silveira (2012) a principal causa da dificuldade de leitura residiria no cérebro causado por um deterioramento nesta área que seria de origem congênita. “Já a publicação lançada por Morgan, em 1896, dava conta de um menino inteligente e com boa aptidão em matemática, mas cuja leitura e ortografia se encontravam severamente afetadas” (SILVEIRA, 2012, p.9).

Os psicólogos e educadores do início do século XX deram pouca importância aos distúrbios específicos da linguagem. Só se concentravam no aspecto pedagógico do problema (SILVEIRA, 2012; TITONI, 2010).

Foi então que surgiu um grande interessado no campo do distúrbio da aprendizagem, Samuel Orton, médico psiquiatra, neuropatologista e neuroanatomista americano. Entre 1928 e 1937, Orton estudou famílias de disléxicos e encontrou algumas alterações, como leitura e escrita em espelho. Ele denominou essa condição de “estrefossimbolia” (símbolos invertidos) e esta é ainda aceita como um dos principais sinais de diagnóstico da dislexia. Orton chamou ainda à atenção para o aspecto genético. Basicamente, este médico descreveu distorções perceptivo-linguísticas específicas em crianças com graves inabilidades de leitura (SILVEIRA, 2012, p. 9).

Hoje em dia sabe-se que esse sintoma pode aparecer também em sujeitos normais não afetados pelo distúrbio disléxico.

Silveira (2012) cita ainda em termos históricos os estudos de Orton, que relacionava os distúrbios disléxicos com problemas de dominância lateral, Penfield e Roberts publicaram seus estudos em 1959, os estudos de “Zangwill, em 1960, Sperry, em 1964, Masland, em 1967, Micklebust, entre 1954 e 1971, e atualmente Albert Galaburda, descrevem a dislexia de forma mais complexa.” (SILVEIRA, 2012, p. 10).

Borges (2005) afirma que os pesquisadores pioneiros em estudos anatômicos envolvendo transtornos de leitura e entre eles a dislexia foram Galaburda e Kemper em 1979.

Os pesquisadores compararam o cérebro de disléxicos e de não disléxicos, post-mortem, e encontraram diferenças significativas entre eles. O cérebro dos disléxicos revelou presença de anomalias neuropatológicas, incluindo nódulos corticais, em região frontal e regiões específicas para a linguagem no lobo esquerdo; displasias, células neuronais menores do que o normal em região talâmica e micro malformações vasculares. Considerando que as migrações cerebrais ocorrem até por volta do sexto mês gestacional, o mecanismo responsável por essas lesões corticais, ocorreriam portanto, antes ou durante este período do desenvolvimento fetal (BORGES, 2005, p. 9).

Na década de 90, surgiram novas tecnologias que possibilitaram investigações mais aprofundadas que confirmaram possibilidades de mal formações ou alterações funcionais no cérebro de crianças disléxicas.

Para Silveira (2012), a relação da dislexia com mal funcionamento das estruturas cerebrais hereditárias e funcionais encontradas nos estudos históricos da dislexia, são confirmadas pelas respostas dadas pela neurobiologia e pelas ciências cognitivas atuais.

No Brasil

Segundo Souza (2008), a primeira instituição de apoio aos portadores de necessidades especiais do Brasil foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) que surgiu em dezembro de 1954, instituição que, entre outros, atendia crianças disléxicas. A APAE teve como estímulo e orientação os membros da National Association for Retarded Children (NARC) organização fundada nos Estados Unidos em 1950. As Apaes se espalharam pelo Brasil sendo fundadas em vários estados como Rio de Janeiro, Goiás, Paraíba, Rio Grande do Sul, São Paulo entre outros.

No Brasil o estudo da Dislexia surgiu principalmente com o nascimento da Associação Brasileira de Dislexia – ABD em 1983, com sede em São Paulo (SP) que atende pessoas de todo país. Trata-se de uma entidade filantrópica que oferece orientação direcionada aos diferentes distúrbios de aprendizagem; atendimento a pais, familiares, escolas, profissionais clínicos, imprensa, órgãos públicos e toda a comunidade (SOUZA, 2008).

A ABD oferece também curso de formação em dislexia; simpósios nacional e internacional a cada dois anos; encontros com disléxicos; reunião com pais; palestras em escolas, comunidades etc.

De acordo com Titoni (2010, p. 13)

No início apenas um ponto de estudos, encontros, trocas de informações e divulgação da dislexia com apoio de entidades internacionais. Em 1988, iniciavam-se as atividades do Centro de Avaliação e Encaminhamento, para atender aos pedidos de pais, à demanda criada pela divulgação e aos profissionais em busca de respostas e orientações mais concretas.

Em 2000 foi fundada no Brasil a Associação Nacional de Dislexia (AND) essa associação é sediada no Rio de Janeiro. Trata-se de uma sociedade civil, sem fins lucrativos, políticos ou religiosos.

Essa associação tem objetivos científico, cultural e social. Além disso, a organização oferece serviço social de avaliação diagnóstica de dislexia e cursos de atualização, encontros de disléxicos etc, assim como a ABD a AND tem por finalidade congregar fonoaudiólogos, médicos, psicopedagogos, psicólogos, pedagogos, pais de disléxicos e instituições que se dediquem ao aprofundamento dos estudos sobre dislexia (SOUZA, 2008, p. 50).

Entre outras as funções da AND são: promover o conhecimento do fenômeno dislexia; realizar palestras e dinâmicas de grupo entre interessados na dislexia; criar espaços de reflexão e supervisão clínica para profissionais; editar publicações sobre dislexia; liderar a defesa de pessoas portadora de necessidades especiais e valorização pessoal das pessoas disléxicas (SOUZA, 2008).

Dragone (2013, s/p) considera que “Uma vez que a busca por um diagnóstico se torna mais frequente, instituições e/ou profissionais que oferecem esse apoio acabam ganhando maior espaço, sendo que no Brasil a que mais se destaca é a Associação Brasileira de Dislexia – ABD”

1.3 Características da dislexia

Para Valett (1990) a dislexia se caracteriza por uma perturbação da aprendizagem de leitura mesmo que o sujeito tenha uma inteligência normal. A dislexia segundo o autor afeta diretamente a leitura e a escrita.

A dislexia se refere a um distúrbio grave de leitura e escrita relacionada à disfunção neuropsicológica, entretanto nem todas as pessoas com problemas significativos de leitura e/ou escrita, são necessariamente disléxicas. Algumas das habilidades básicas para a leitura se relacionam às habilidades cognitivas, e a maioria dessas habilidades, estão baseadas em destrezas perceptivo-linguísticas fundamentais, como a integração auditivo-visual e ordenação

(VALETT, 1990). “É exatamente nessas habilidades básicas que a pessoa disléxica é mais deficiente” (VALETT, 1990, p.5).

Sozim (2012), considera que a inserção da criança, no mundo da escrita, é anterior à sua entrada na escola, para ser alfabetizada. “A capacidade de produção escrita inicia-se na infância e amplia-se à medida que sua inserção cultural se desenvolve[...]” (SOZIM et al, 2012, s/p). Outro aspecto desta questão envolve a identificação dos sons formados pelas letras, “A relação entre letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras” (CAGLIARI, 1996 apud SOZIM et al, 2012, s/p).

Estudos tem comprovado que a dislexia possui características genéticas, sendo comum na família de um disléxico, encontrar-se vários outros membros da família, também disléxicos.

A dislexia é familiar e hereditária. Uma história da família é um dos mais importantes fatores na identificação da dislexia, pois entre 23 e 65% das crianças com pais disléxicos apresentaram dificuldades em leitura, evidenciando que a identificação pode ser realizada precocemente. Os genes ligados à dislexia estão localizados nos cromossomos 2, 3, 6, 15 e 18, indicando uma herança poligênica, deixando ainda incertas as diferentes manifestações cognitivas pelo fenótipo ou os subtipos de dislexia (SHAYWITZ, 2006, p. 18).

O texto escrito é uma herança da sociedade, foi criado dentro da cultura humana (SOZIM et al 2012), e se caracteriza como uma forma de linguagem determinante para o seu desenvolvimento. A apropriação pelo sujeito da produção textual torna-se necessária para o seu processo de desenvolvimento dentro da sociedade.

A aprendizagem da leitura, se caracteriza por um processo, onde o sujeito aprendente necessita desenvolver algumas habilidades. Valett (1990) referindo-se a essas habilidades, faz a seguinte consideração:

Para ler, uma pessoa deve adquirir um certo número de habilidades cognitivas e perceptivo-linguísticas:

Habilidade para focalizar a atenção, concentrar e seguir instruções; Habilidade para entender e interpretar a língua falada no cotidiano; Memória auditiva e ordenação; Memória visual e ordenação; Habilidade no processamento (decodificação) de palavras; Análise estrutural e contextual da língua; Síntese lógica e interpretação da língua; Desenvolvimento e expansão do vocabulário (VALETT, 1990, p. 3).

Sabemos que mesmo antes de saber ler convencionalmente, a criança tem suas próprias idéias de como ler. Compreende-se que a criança chega à escola trazendo muitos saberes sobre leitura e escrita, construídos a partir das suas vivências. Para Pain (1985) a aprendizagem será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito, isto significa que considerando a aprendizagem da escrita, ela tem que ser significativa para o aluno, a necessidade de compensar a necessidade, dará mais relevância ao recurso encontrado para superá-la.

Segundo Shaywitz (2006), para o sujeito aprender a ler, tem que lidar com conteúdo, com funções, compreender as regras ortográficas, identificar os sons de uma palavra, entender que o modo de falar e o de escrever nem sempre são iguais.

Para Pereira (2005, p. 100) o processo da leitura envolve:

A identificação dos símbolos (letras e palavras através da visão). Estes recebem os estímulos gráficos e os transmitem, através do nervo ótico aos centros visuais do cérebro; O relacionamento dos símbolos gráficos com os sons que eles representam. A criança pode a diferenciar visualmente cada letra impressa e perceber que cada símbolo tem um correspondente sonoro; A compreensão e a análise crítica do que foi lido: o indivíduo percebe os símbolos gráficos, compreende julga e assimila os fatos de acordo com a sua vivência.

Podemos observar que a leitura não é um processo natural, mas ensinado. O modo pelo qual se ensina a leitura é algo que pode influenciar muito a forma como cada criança aprende a transformar o que são aparentemente rabiscos abstratos, em letras cheias de significados e depois em sons, palavras, frases inteiras e parágrafos.

Conclui-se que a leitura fluente e compreensiva constitui a base para a construção do conhecimento, nenhum aluno, consegue aprender significativamente quaisquer matérias escolares, sem dominar as competências básicas da leitura.

A promoção da leitura parece, no entanto constituir tarefa difícil na sociedade atual e, como tal tem sido objeto de muita investigação no sentido de procurar explicações para os processos cognitivos que influenciam no ato de ler.

Para Fonseca (1999) o déficit de aprendizagem na leitura em disléxicos está associado a uma perturbação neurológica cerebral.

A Federação Mundial de Neurologia define a dislexia como:

[...] a dificuldade na aprendizagem da leitura, independente da instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural. Dependente portanto, fundamentalmente, de dificuldades cognitivas, que são frequentemente de origem constitucional (FONSECA, 1999, p. 290).

Ajuriaguerra (2008), dá maior ênfase às desigualdades entre as crianças que entram na escola, desigualdades estas provenientes de seu meio sócio - cultural e familiar.

A maioria das habilidades cognitivas necessárias para a leitura estão baseadas nas destrezas perceptivo linguísticas, fundamentais como a integração auditivo-visual e ordenação (VALETT, 1990).

Para a criança disléxica, aprender a ler, é uma experiência muito frustrante, a leitura que parece ser algo que outras crianças alcançam sem esforço nenhum, é algo além de seu alcance. Crianças disléxicas entendem a palavra transmitida oralmente e adoram ouvir histórias, mas não conseguem decifrar as mesmas palavras quando estão escritas no papel. Com isso, frustram-se.

Antigamente, as dificuldades de leitura podiam ser explicadas de várias maneiras. Hoje, contudo é possível apontar para uma imagem do funcionamento interno do cérebro, o que se faz por meio da nova tecnologia de imagem cerebral. Com isso, saber exatamente onde e como a dislexia se manifesta no cérebro.

Para Shaywitz (2006, p.20) “A dislexia é um problema complexo que tem suas raízes nos mesmos sistemas cerebrais que permitem ao homem entender e expressar-se pela linguagem”. Pela descoberta de que a ruptura dos circuitos neurológicos, influenciam a codificação da linguagem, pode-se compreender que “os tentáculos dessa desordem partem do fundo do cérebro e se estendem a uma gama de funções importantes, incluindo a capacidade de memorizar as palavras e articulá-las e de lembrar certos fatos (SHAYWITZ, 2006, p. 20).

Como se observou, a dislexia representa uma dificuldade específica em relação à leitura, e não à capacidade de pensar. Entender a dislexia reflete um problema de linguagem, e não uma deficiência geral na inteligência ou desequilíbrio acima de tudo visual. A dislexia não reflete um defeito generalizado na linguagem, mas sim uma deficiência inerente a um componente específico do sistema de linguagem.

Para Visa (1987), os sintomas apresentam indicadores menores, indícios de que tal dificuldade pode fazer parte de uma categoria maior de dificuldades. Porém, a dificuldade para ler, observada através de indicadores como troca de letras, omissões, acréscimos, rotações, inversões e outros, não podem ser diretamente diagnosticados como dificuldade específica de aprendizagem relacionada à dislexia, sem antes analisarmos o contexto, o momento atual de aprendizagem e a história do aprendiz.

Para Barbosa (2008) a dislexia é uma perturbação da aprendizagem e existe mesmo na presença de uma educação correta e apropriada. Ela não tem nada a ver com os pais nem com os professores, nem com os métodos de ensino. É uma dificuldade da criança que precisa ser identificada cedo, para que se possa fazer o melhor acompanhamento.

1.4 Consciência fonológica e dislexia

Os estudos atuais, mostram evidências, que a falta de consciência fonológica, impede a criança de decodificar as sílabas.

É caracterizada pela dificuldade de leitura e compreensão textual de palavras simples, relacionadas principalmente por déficits de decodificação fonológica, ocorridos em sujeitos sem deficiências sensoriais ou emocionais, que justifiquem o déficit (MACHADO, 2010; SHAYWITZ, 2006)

Os pesquisadores da área da linguagem, estudando a dislexia conseguiram determinar a localização precisa da disfunção fonológica do sistema de linguagem. Verificou-se que nos níveis superiores da hierarquia da linguagem, estão os componentes da *semântica*, que se referem a significação das palavras, os componentes da *sintaxe*, responsável pela estrutura gramatical, e os componentes do *discurso* que são responsáveis pelo encadeamento das frases. No nível mais baixo da hierarquia, está o componente *fonológico*, que é responsável pelo processamento dos elementos sonoros da linguagem (SHAYWITZ, 2006). “A dislexia envolve uma disfunção do sistema de linguagem, especificamente no nível do módulo fonológico” (SHAYWITZ, 2006, p. 44).

O fonema é o elemento central do sistema linguístico, o elemento essencial para a formação de todas as palavras, faladas e escritas. Combinações diferentes de apenas algumas dezenas de fonemas podem produzir dezenas de milhares de palavras. Para ocorrer um reconhecimento desses fonemas e consequentemente entender o significado da palavra formada, faz-se necessário o funcionamento do sistema linguístico, e o único código que pode ser reconhecido pelo sistema linguístico e ativar esse mecanismo é o código fonológico

Nas crianças com dislexia, os fonemas não são tão bem desenvolvidos. Para ter uma ideia do que acontece, imagine que a criança dispõe de uma letra cuja face está tão desgastada pelo uso que não pode ser identificada. Como

consequência, a criança provavelmente terá muitas dificuldades para selecionar o fonema de que necessita, podendo, em vez disso, selecionar um fonema cujo som é semelhante (SHAYWITZ, 2006, p.44).

Crianças disléxicas, não apresentam dificuldades nos processos de análise acústica, e tampouco nos de produção da fala, mas sim nas habilidades de segmentação e dificuldades em síntese de fonemas. Assim a ineficiência no processamento fonológico demonstra menores facilidades nessas crianças em repetir palavras inventadas e na aquisição de palavras novas (MACHADO, 2010).

O modelo do processamento da leitura, é usado para explicar as dificuldades dos disléxicos na leitura. Considerando os processos centrais da leitura, uma dificuldade na leitura de palavras reais, particularmente das palavras irregulares, indica um mal funcionamento do processo lexical-semântico. Uma dificuldade na leitura de palavras inventadas, por outro lado, implica um mal funcionamento no processo de conversão grafema-fonema, que se refere ao processo fonológico (SALES; PARENTE, 2006).

“Quando utilizamos a linha cognitiva para identificar os déficits, verificamos que as pesquisas, tem mostrado que o prejuízo dessas crianças, encontra-se nos processos fonológicos da linguagem, e nessa área, precisamente, na aprendizagem e na utilização de regras de conversão letra-som” (PINHEIRO, 1995 apud MACHADO, 2010, p. 26).

“As crianças disléxicas podem apresentar, entre outras alterações, déficit no processamento fonológico, decorrente de alteração no processamento temporal acústico”. (GERMANO; PINHEIRO; CARDOSO, 2009, p. 315)

As dificuldades fonológicas característica da Dislexia do desenvolvimento nem sempre estão relacionadas ao sistema de ensino, seja pela metodologia de ensino aplicada seja por outras questões pedagógicas ou organizacionais da escola. Algumas alterações na aprendizagem, estão relacionadas a distúrbios de linguagem ou de processamento de informação, alunos com dislexia podem ser contemplados com intervenções a fim de melhorar suas dificuldades (MACHADO, 2010).

A característica principal em crianças que apresentam dislexia [...] é o comprometimento específico e significativo no desenvolvimento das habilidades de leitura decorrente de um sistema fonológico comprometido. As características específicas alteradas nessas crianças estão relacionadas a disfunções neuropsicológicas, que acometem as funções linguístico-cognitivas as quais ocasionam falhas no processamento, programação e execução da linguagem-aprendizagem, e conseqüentemente, o desenvolvimento da leitura e escrita (MACHADO, 2010, p. 13).

O comprometimento fonológico produz no sujeito dificuldades de decodificação das palavras, a base destas dificuldades está relacionada com o processamento neurológico da linguagem, produzindo um atraso na aquisição dos códigos das palavras em relação aos sujeitos bons leitores.

Os leitores disléxicos segundo Machado (2010) apresentam desenvolvimento atrasado na aquisição dos códigos fonológicos, desta forma esses leitores desenvolvem diferentes estratégias de compensação na codificação, são essas diferentes estratégias que irão determinar as diferentes habilidades de leitura de cada sujeito disléxico.

A hipótese mais comum para explicar a dificuldade central ocorrida na dislexia está relacionada ao déficit de decodificação fonológica cuja função é acessar as estruturas sonoras das palavras.

As crianças com dislexia do desenvolvimento apresentam problemas de consciência fonológica e limitação da memória de curta duração, podendo também ter problema com a memória verbal de longa duração, devido à dificuldade em formar léxico para a estocagem, ocasionando prejuízo na segmentação e na síntese de fonemas (SALLES, 2006 apud MACHADO 2010, p. 15).

Para Shaywitz (2006), a criança disléxica, dada a dificuldade no módulo fonológico, tem dificuldade de compreender o que está escrito e de escrever o que está pensando, conseqüentemente pode perturbar a mensagem que recebe ou que expressa. Acrescentando que quando tenta expressar no papel, o faz de maneira incorreta o que torna difícil para o leitor compreender suas idéias.

Nas crianças disléxicas, uma falha do sistema de linguagem no nível do módulo fonológico – prejudica a consciência fonêmica e, assim, a capacidade de segmentar a palavra verbalizada em seus sons subjacentes. Os fonemas são menos definidos. Como resultado desse problema, as crianças têm dificuldade para descobrir dominar o código da leitura (SHAYWITZ, 2006, p.46).

De acordo com Shaywitz (2006), as crianças disléxicas, tem problemas quando tentam penetrar na estrutura sonora das palavras e, conseqüentemente, são menos sensíveis à rima. A sensibilidade implica uma conscientização de que as palavras podem ser divididas em segmentos de som e que palavras diferentes podem compartilhar um som comum. A sensibilidade é um indicador precoce.

Para Shaywitz (2006), além dos indícios proporcionados pelas dificuldades da linguagem verbal, sua própria história familiar pode oferecer indícios úteis em relação à vulnerabilidade a um problema de leitura.

De acordo com Shaywitz (2006), a dislexia apresenta uma deficiência inerente a um componente específico do sistema de linguagem: módulo fonológico ou seja a parte funcional do cérebro onde os sons da linguagem são recebidos e montados sequencialmente para formar palavras e onde as palavras são segmentadas em sons elementares.

Características da dislexia segundo os autores:

AUTOR	CARACTERÍSTICAS
Cardoso; Germano; Pinheiro (2009) Shaywitz (2006)	Consideram entre outras alterações, o déficit no processamento fonológico, cuja função é acessar as estruturas sonoras das palavras (hipótese atual).
Fonseca (1999)	Segundo o autor o déficit de aprendizagem na leitura em disléxicos está associado inicialmente, a uma perturbação neurológica cerebral.
Machado, (2010)	A dislexia está relacionada a disfunções neuropsicológicas, que atuam nas funções linguístico-cognitivas ocasionando falhas no processamento, da linguagem-aprendizagem, e no desenvolvimento da leitura e escrita.
Santiago (2002)	Considera que a dislexia que tem suas raízes nos sistemas cerebrais relacionados com a expressão da linguagem.

Fonte: Autor do projeto de pesquisa (2013)¹

¹ Quadro elaborado pelo autor do projeto de pesquisa, para apresentar as características da Dislexia de acordo com os vários autores pesquisados. O quadro foi organizado em uma sequência alfabética por autor.

2. APRENDIZAGEM DA LEITURA

Estudar o processo de aprendizagem da linguagem é fundamental para se entender as dificuldades de aprendizagem em leitura e da escrita, considerando a dislexia como um transtorno que envolve a decodificação fonológica no processo da aprendizagem da leitura, o estudo deste processo possibilita uma maior preparação para lidar com a dislexia e seus sintomas.

Para Michel (2009) as dificuldades de leitura, envolvem a incapacidade de compreender o material escrito. Ocorrem dificuldades de compreensão, em palavras, sentenças, ou na integração das palavras da formação de frases. “A leitura é uma forma complexa de aprendizagem simbólica, na qual mudanças relativamente triviais em uma palavra podem alterar completamente sua pronúncia e significado” (MICHEL, 2009, p.49).

A incapacidade de aprender a ler nos primeiros anos escolares mantém as crianças afastadas de praticamente o que resta do currículo escolar. Por exemplo, a apresentação dos problemas de matemática, nos currículos escolares, é basicamente feita pelo meio escrito. Se uma criança apresenta problemas de leitura, é bastante provável que isso dificulte seu progresso em aritmética também. As dificuldades de leitura também afetam negativamente a aquisição de conhecimentos além do currículo escolar (MICHEL, 2009, p. 50).

Para Sousa (2000) citando Coltheart, (1978) e Frith, (1985), a teoria mais atualizada que propõe o melhor modelo explicativo para o processamento da leitura e da escrita é a teoria do duplo canal. “[...] que defende duas vias distintas, quer para o reconhecimento de palavras escritas, quer para transcrição de palavras fornecidas pelo armazém léxico ou fonológico: uma directa ou lexical e outra fonológica” (SOUSA, 2000, s/p).

Para o autor, no processamento da leitura pela via direta também chamada de via lexical, o leitor procura as características gráficas para buscar tanto representações semânticas quanto fonológicas da palavra global.

Sousa (2000, s/p) afirma que “Trata-se de um processo de reconhecimento da palavra na sua globalidade apoiado pelo armazém ortográfico, uma estrutura de memória de longo prazo. Este processo pode ser utilizado em palavras regulares ou irregulares, não sendo possível utilizá-lo em pseudo ou não palavras.”

A outra via, ou seja a fonológica segundo Sousa (2000) vai buscar a correspondência fonema-grafema para interpretar fonologicamente o código grafémico.

Esta conversão poderá ter como unidades grafemas isolados ou conjuntos mais alargados de acordo com o processo de instrução e da gradual familiaridade com o texto escrito. Permite ler palavras regulares que façam parte do léxico ou não, pseudo ou não palavras com grafia regular. É uma via que enfrenta problemas com palavras irregulares (SOUSA, 2000, s/p).

O autor faz considerações sobre estudos recentes sobre o processo de aprendizagem da leitura e escrita e descobertas sobre as diferenças entre a consciência fonêmica e a consciência fonológica mostrando as diferenças entre estes dois processos o que permite um entendimento mais aprimorado dos processos que ocorrem durante o ato de ler. “Teóricos mais recentes (Morais, 1991) distinguem consciência fonológica de consciência fonêmica. Aquela traduziria percepções de linhas fonológicas, de sílabas e, eventualmente, de traços fonéticos. [...] Para o autor, a consciência fonêmica é consequência da instrução para a leitura em línguas alfabéticas” (SOUSA, 2000, s/p).

Este fato é corroborado por estudos realizados em crianças pré-leitoras e em adultos analfabetos que indicam serem eles capazes de produzirem rimas, mas incapazes de discriminarem fonemas cita o autor. “A consciência fonêmica não resulta de aprendizagens directas, mas é um produto da aquisição do alfabeto, realizada no processo de instrução da leitura” (SOUSA, 2000, s/p).

Estudos citados por Sousa (2000) mostram que a leitura se desenvolve em três fases claramente definidas sendo:

- Primeira a fase *logográfica* fase do reconhecimento de indícios como cor, tamanho forma e letras;
- Segunda fase é a fase chamada *alfabética* que se refere ao descobrimento pelo leitor de regularidades gráficas aplicadas à leitura. Neste processo estão incluídas regras de correspondência fonema-grafema.
- Terceira fase é a *ortográfica* “o contacto com a palavra escrita permite extrair uma variedade de unidades de natureza morfémica, fonológica ou grafémica que facilita o reconhecimento de palavras escritas ou por escrever” (SOUSA, 2000, s/p) (grifo nosso).

As pesquisas realizadas sobre a forma que o sujeito lê, são fundamentais para identificar as formas processuais que ele utiliza para se apropriar da leitura. Entendendo esse

processo podemos analisar as dificuldades de leitura em disléxicos e identificar o fator preponderante dessa dificuldade.

A teoria do duplo canal esclarece que um dos canais que o leitor utiliza é o da via fonológica, ora, se o problema principal identificado nos disléxicos se refere ao mal funcionamento da via fonológica o mesmo não poderá utilizar plenamente as vias de acesso ao processo de aprendizagem da leitura.

Sousa (2010) relata que a psicologia cognitiva concluiu que o sujeito se utiliza, por vezes, simultaneamente, das duas vias para enfrentar as diversas situações com que se depara no ato de ler e escrever, são as vias anteriormente citadas, a lexical ou direta e a fonológica.

“No acto da leitura, a via directa ou lexical recorre às características gráficas da palavra para aceder ou construir representações fonológicas, semânticas e ortográficas que armazena na memória de longo prazo” (SOUSA, 2010, s/p). Em um processo paralelo a via fonológica transforma os grafemas em fonemas, confrontando as palavras aí identificadas com as informações de identificação de palavras e semânticas armazenadas na memória de longo prazo (SOUSA, 2010). Se esse processo não estiver funcionando, teremos aí, uma dificuldade de leitura característica do sujeito disléxico.

Michel (2009) relata que os estudos sugerem a existência de uma relação de causa e efeito em reconhecimento fonológico fraco em leitores, causarem dificuldades de leitura.

2.1 O processo fonológico na leitura

O canal da via fonológica é o elemento central de nossa pesquisa, uma vez que é essa via importante no processo de leitura, que os estudos, tem demonstrado ser deficitário nos disléxicos.

O modulo fonológico é citado por Shaywitz (2006) como a fábrica da linguagem, é a parte do cérebro onde os elementos sonoros dos grafemas são identificados e organizados de forma sequencial para montar palavras e onde as palavras lidas são divididas em sons específicos. Segundo a autora:

Ler é o processo inverso do falar. Na leitura, partimos da palavra inteira impressa na página. As letras que representam os fonemas estão todas organizadas corretamente. O trabalho de quem lê é converter as letras em

sons e considerar que as palavras são compostas de seguimentos menores ou fonemas (SHAYWITZ, 2006, p.45).

A leitura se refere a um processo de aprendizagem específico, o sujeito em processo de aprendizagem necessita realizar uma sequência lógica de fases (SHAYWITZ, 2006):

- Primeiro, o sujeito identifica as palavras que ouve como blocos sonoros;
- Em seguida, percebe que as palavras são divididas em pedaços menores e que esses pedaços menores, são sons;
- Na fase seguinte ao longo da estimulação da leitura, começa a perceber que as letras que vê, se relacionam com os sons da fala;
- Finalmente entende que a palavra escrita, tem a mesma estrutura da palavra falada;
- “Compreende que tanto a palavra escrita quanto a falada podem ser construídas e reconstruídas com base nos mesmos sons e que na palavra escrita, as letras representam tais sons” (SHAYWITZ, 2006, p.46).
- Após realizar esse processo a criança estará pronta para ler.

Segundo Shaywitz (2006) existe uma lacuna entre os bons leitores e os disléxicos, essa lacuna de desempenho é contínua, os leitores fracos nunca alcançam os bons leitores, quando a dislexia se apresenta nas crianças nos primeiros anos da escola, a criança continuará a experimentar problemas de leitura ao longo do tempo a não ser que seja realizada uma intervenção efetiva, que ajude a criança a melhorar o seu desempenho em leitura eliminando a lacuna existente entre ela e as crianças boas leitoras.

Estudos recentes realizados por Capelline e Conrado, (2012) demonstram que crianças com dificuldades de aprendizagem podem apresentar alterações em habilidades fonológicas e no acesso ao léxico mental, decorrentes de modificações em diferentes níveis do processamento da informação.

A característica gerativa das ortografias alfabéticas permite aos leitores aprenderem por si mesmos, uma vez que, ao encontrar palavras novas, eles podem aplicar as regras de decodificação fonológica. O processo de decodificação fonológica contribui para que a criança forme a representação ortográfica da nova palavra, portanto, é o processo fonológico que permitirá à criança, posteriormente, realizar leitura pela rota lexical (CAPELLINE; CONRADO, p. 189).

Os pesquisadores Capelline e Conrado (2012) consideram que nas três últimas décadas, as pesquisas demonstraram que a velocidade de nomeação de estímulos está relacionada à nomeação fonológica, que influencia diretamente no desenvolvimento da leitura e escrita.

Shaywitz (2006) considera que os cientistas conseguiram determinar a estrutura do sistema linguístico que é constituído pelo discurso, pela sintaxe, pela semântica e pela decodificação fonológica. “O fonema é o elemento fundamental do sistema linguístico, o elemento essencial de todas as palavras, faladas ou escritas” (SHAYWITZ, 2006. p. 44).

Para a autora, nas crianças disléxicas, uma falha do sistema de linguagem – no nível do módulo fonológico - prejudica a consciência fonêmica e, assim, a capacidade de segmentar a palavra verbalizada em seus sons subjacentes. Os fonemas são menos precisamente definidos. Como resultado desse problema, as crianças, tem dificuldades para descobrir e dominar o código de leitura.

Percebe-se a existência de associação entre habilidades auditivas e habilidades metafonológicas estatisticamente significantes, sugerindo que os processos auditivos interferem diretamente na percepção de aspectos acústicos, temporais e sequenciais dos sons para a formação de uma representação fonológica estável (GERMANO; PINHEIRO & CARDOSO, 2009).

Um aspecto importante no processo de leitura envolve que “a percepção da estrutura fonêmica da fala permite que a criança utilize um sistema gerativo para converter ortografia em fonologia, permitindo, assim, a leitura de qualquer palavra regular que envolva a correspondência grafa-fonêmica” (CAPELLINE; CONRADO, 2012, p. 189).

Para que a palavra impressa seja percebida e entendida pelo leitor, o mesmo deve de alguma forma decodificar o que vê em um código linguístico, se o leitor não souber converter os caracteres escritos em uma interpretação fonética, aquelas letras vistas não terão nenhum significado para o mesmo impossibilitando o processo de leitura, desta forma sem o código fonético - único código reconhecido pelo sistema de linguagem - não será possível a aprendizagem da leitura.

Para Shaywitz (2006, p. 50) “Os leitores iniciantes em todo o mundo, devem aprender como decifrar o que está impresso, como converter uma gama de símbolos sem significado, de forma que sejam aceitos por um poderoso aparelho linguístico que reconhece apenas o código fonológico.”

Alguns aspectos, são percebidos durante o processo em que as crianças desenvolvem o domínio do código fonológico.

Para algumas crianças o processo é rápido e aparentemente não exige esforço: [...] Com certeza, o contato com um ambiente rico em linguagem, em que as crianças recebem muitas oportunidades de ouvir e brincar com palavras verbalizadas. Nas crianças disléxicas, uma falha do sistema de linguagem – no nível do módulo fonológico – prejudica a consciência fonêmica e, assim, a capacidade de segmentar a palavra verbalizada em seus sons subjacentes. Os fonemas são menos precisamente definidos. Como resultado desse problema, as crianças, tem dificuldade para descobrir/dominar o código de leitura (SHAYWITZ, 2006, p.51).

“As crianças com dificuldades de leitura apresentam fluência de leitura alterada e problemas com a compreensão de leitura em decorrência de alterações de percepção fonológica” (CAPELLINE; CONRADO, 2012, p. 184).

Quando acontecem falhas no processamento fonológico da informação, a análise da palavra articulada em suas partes constituintes, sílabas e sons fica prejudicada em decorrência da presença de desvios na representação fonética na memória de curto prazo, influenciando negativamente nos aspectos de produção da fala e a produção oral do texto lido (CAPELLINE; CONRADO, p.189 – 190).

O processo de leitura consiste em dois grandes componentes: a *decodificação*, que resulta no reconhecimento imediato das palavras, e a *compreensão*, que, está relacionada ao significado.

Sistema de linguagem envolve o funcionamento dos seguintes processos:

1. Discurso;
2. Sintaxe;
3. Semântica;
4. Fonológico.

Os três primeiros são responsáveis pela compreensão, enquanto o fonológico é responsável pela decodificação. Se o sistema não funcionar com todos os seus processos a leitura não ocorre.

Nos disléxicos os processos do discurso, sintaxe e semântica estão preservados entretanto o sistema fonológico é deficitário, tendo como resultado a sua deficiência na leitura pois a deficiência fonológica impossibilita a decodificação que por sua vez interfere no reconhecimento das palavras, impedindo que o disléxico utilize seus processos superiores (Discurso, Sintaxe e Semântica) na compreensão do significado das palavras (SHAYWITZ, 2006).

A incapacidade para leitura segundo Shaywitz (2006), envolve um processo que passa pelo texto e chega ao seu significado. O sujeito no processo de leitura entra em contato com o texto e necessita decodificar esse texto para que ocorra o reconhecimento imediato das palavras.

As habilidades superiores para a leitura envolvem aspectos:

- Da Inteligência geral;
- Do vocabulário;
- Do significado das palavras;
- Da formação dos conceitos.

Entretanto, para que ocorra a percepção dos significados das palavras que levam a formação dos conceitos há a necessidade do reconhecimento imediato das palavras que só ocorre se houver a decodificação fonológica. Quando essa decodificação fonológica não ocorre mesmo existindo as funções superiores da linguagem o sujeito não consegue ler, isso explica porque crianças brilhantes mas disléxicas apresentam dificuldades de leitura.

2.2 Processamento da leitura no cérebro

As descobertas de Paul Broca em 1861 indicaram a relação da fala com o sistema nervoso cerebral, em particular com a porção do cérebro na região frontal esquerda. Hoje essa área é conhecida como área de Broca e é relacionada como área da fala, a perda da fala é chamada de afasia, perda de fluência da fala mas com capacidade de entender a linguagem. “As observações de Broca prenunciaram uma nova era da exploração do cérebro e de suas funções cognitivas. Cessaram as dúvidas sobre o papel do cérebro na cognição” (SHAYWITZ, 2006, p.60).

Para a autora a descoberta de Broca deixou bem claro que a leitura cuja base é a linguagem, origina-se no córtex cerebral. Anteriormente existia a teoria de que a fonte da capacidade de falar do ser humano estivesse relacionada com a língua.

A descoberta de Broca abriu as portas para que se aprendesse como o cérebro lê. Lembre-se de que para lermos devemos entrar no sistema de linguagem; em nível neural, isso significa que a leitura depende dos circuitos cerebrais já preparados para a linguagem. Embora não percebida como tal na época, a identificação da área de Broca como um local fundamental para a

linguagem foi o primeiro passo para a busca do mapa do circuito neural da leitura (SHAYWITZ, 2006, p.62).

A tomografia computadorizada, a ressonância magnética, e a partir de 1980 as imagens funcionais do cérebro propiciaram aos neurocientistas, a possibilidade de ver os detalhes da anatomia cerebral e o funcionamento do cérebro.

Shaywitz (2006, p. 63) considera que “foi com as imagens funcionais do cérebro, que se tornou possível, no início dos anos 1980, que os cientistas pudessem ver o cérebro de uma pessoa saudável em funcionamento. Podia-se então observar a função cerebral quando uma pessoa lia, falava, pensava ou imaginava.”

A ressonância funcional tem como base as propriedades de um componente básico do sangue: a hemoglobina oxigenada. Nas hemácias, o oxigênio é unido à hemoglobina e transportado pelo corpo para as células em funcionamento. As propriedades magnéticas da molécula de hemoglobina mudam de acordo com a quantidade de oxigênio: o sangue com altas concentrações de oxigênio produz um sinal magnético mais forte do que o de sangue com menos oxigênio. Assim enquanto uma pessoa executa uma determinada tarefa cognitiva, os neurônios responsáveis por isso, tornam-se ativos. O fluxo de sangue destinado a essa região aumenta – trazendo com ele sangue altamente oxigenado e rico – e os aparelhos de ressonância magnética obtêm um sinal magnético mais alto (SHAYWITZ, 2006, p. 64).

Segundo Shaywitz (2006) depois que a criança analisar e ler corretamente uma palavra várias vezes, ela forma um modelo neural exato daquela palavra, que se refere tanto para a ortografia quanto para a pronuncia e para o significado. Esse modelo é então armazenado de forma permanente no sistema occipitotemporal.

Segundo Silva (2012, p. 23)

Uma criança que não é disléxica aprende a ler ao reconhecer as letras e os seus respectivos sons. Em seguida, ela passa a analisar as palavras dividindo-as em sílabas e fonemas, relacionando deste modo, as letras aos seus respectivos sons. À medida que a criança aprende a ler com mais facilidade, outra parte do cérebro começa a desenvolver-se, construindo uma memória permanente que permite à criança reconhecer de imediato as palavras que anteriormente aprendeu.

O cérebro de uma criança disléxica funciona de forma diferente. “No que diz respeito ao processo de leitura, os disléxicos recorrem à área cerebral que processa fonemas, porque estas têm dificuldades em diferenciar fonemas de sílabas, pois esta região do cérebro continua inativa” (SILVA, 2012, p. 24) As ligações cerebrais do disléxico não identificam o significado das palavras e, desta forma, as crianças disléxicas não conseguem reconhecer as palavras que já aprenderam.

“Há três caminhos neurais para a leitura: dois caminhos mais lentos e analíticos, o parietotemporal e o frontal que são utilizados principalmente por leitores iniciantes, e uma via rápida, a occipitotemporal, utilizada por leitores experientes” (SHAYWITZ, 2006, p. 72).

As imagens funcionais do cérebro identificam que ao ler um sujeito estimula três áreas do cérebro, a área frontal e a parietotemporal são áreas de leitores lentos que estão no processo de aprendizagem inicial e a área occipitotemporal funciona como um depósito de palavras que já foram apreendidas e que se necessário, podem ser utilizadas de forma rápida, produzindo a leitura rápida de sujeitos já treinados no ato de ler.

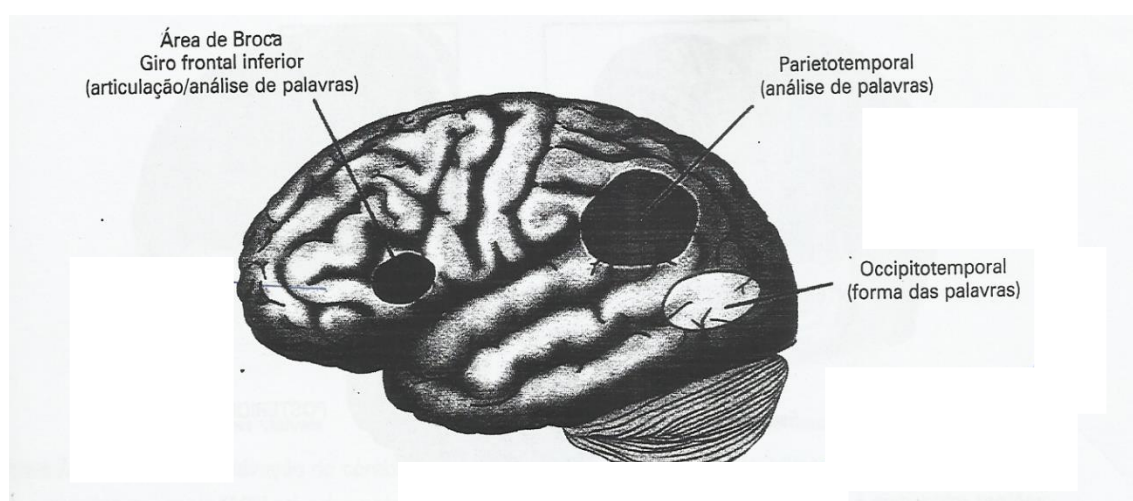


Fig. 1 - Sistemas cerebrais para a leitura²

Os sujeitos disléxicos identificam nas imagens funcionais do cérebro, um bloqueio na estimulação da área occipitotemporal, os mesmos não acumulam palavras que podem ser usadas rapidamente, desta forma a leitura dos disléxicos será lenta com as dificuldades comuns de leitores iniciantes.

Os disléxicos impossibilitados de usarem com eficácia a área occipitotemporal do cérebro “demonstram ativação aumentada nas regiões frontais, de maneira que, quando chegam à adolescência, demonstram um padrão de superativação da área de Broca – isto é passam a usar com frequência cada vez maior, essas regiões frontais para a leitura” (SHAYWITZ, 2006, p.72) as imagens funcionais do cérebro de disléxicos comprovam esse fato.

² SHAYWITZ, 2006, p. 71

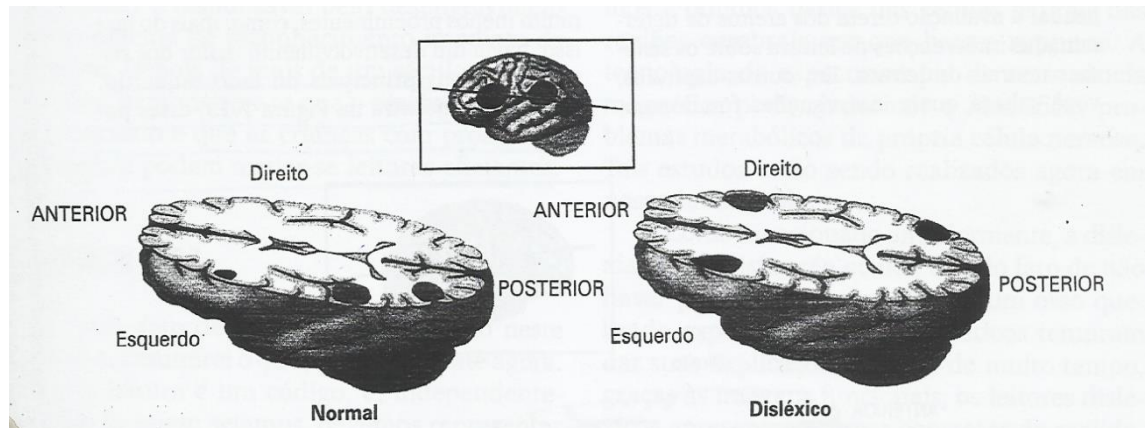


Fig. 02 - Os leitores disléxicos usam sistemas compensatórios para ler³

O leitor normal à esquerda ativa, sistemas neurais, que estão em sua maioria na parte posterior esquerda do cérebro; o leitor disléxico à direita, ativa sistemas do lado direito e na parte frontal esquerda do cérebro.

A imagem funcional torna esse processo transparente, permitindo aos cientistas que observem (e registrem) os sistemas neurais em funcionamento quando estes tentam transformar letras em sons. Ver essas imagens não deixa dúvida de que o problema central da dislexia é fonológico: transformar letras em sons. Somente quando pedimos aos leitores disléxicos para que transformem letras em sons é que vemos as provas de uma falha no circuito (SHAYWITZ, 2006, p. 77).

Os estudos com imagens funcionais contribuíram para o estabelecimento de uma conclusão quanto as origens das dificuldades de leitura dos disléxicos. Shaywitz (2006, p. 77) afirma que “Depois de mais de um século de frustrações, demonstrou-se que o cérebro pode ser reconectado e que as crianças com problemas de leitura podem tornar-se leitores eficientes.”

³ SHAYWITZ, 2006, p. 74

3 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM CRIANÇAS DISLÉXICAS

3.1 Prevalência da Dislexia

Estudos sobre prevalência da dislexia são pouco comuns em países da língua portuguesa. Em um estudo feito por três pesquisadoras portuguesas encontramos dados sobre a dislexia em Portugal.

Vale; Sucena e Viana (2011, p. 45) citando outros autores, consideram que:

Os dados sobre a prevalência da dislexia variam conforme o método de investigação adoptado e a população alvo, existindo cálculos que apontam para uma prevalência entre 3% e 15% (Fluss et al., 2008; Miles, Wheeler & Haslum, 2003; Moll & Landerl, 2009). Recentemente foi apresentada uma prevalência entre os 4% e os 8% na população escolar dos países de língua inglesa, reconhecendo-se no entanto que a taxa pode variar com a idade.

Shaywitz (2006) em seus estudos ressalta que de acordo com o departamento de educação norte-americano, 4,4% das pessoas com idade entre 6 e 21 anos que correspondem a 2,5 milhões de um total de 58 milhões em idade escolar nos Estados Unidos, estão recebendo serviços especiais de educação em suas escolas. Já que se estima que a incapacidade para leitura representa pelo menos 80% de todos os problemas de aprendizagem. Isto posto a autora infere que cerca de 3,5% da população escolar, ou um pouco mais do que 2 milhões de crianças, estejam recebendo serviços especiais voltados aos problemas de leitura. “O Conennecticut Study indica que a incapacidade para a leitura afeta aproximadamente uma a cada cinco crianças” (SHAYWITZ, 2006, p. 36).

No Brasil, não há estimativa sobre prevalência das dificuldades de aprendizagem pelo fato desta categoria diagnóstica não se situar no sistema educacional. “Entretanto, a inaptidão para a leitura afeta de 2 a 8% das crianças em escolas de ensino fundamental” (CAPELLINI; CONRADO, p. 184).

“No Brasil poucos estudos, como o de Pinheiro (1994, 1999, 2001) tentaram classificar o grupo de crianças com dificuldades de leitura e escrita em relação às estratégias subjacentes aos processos de leitura e escrita.” (SALES; PARENTE 2006, p. 84).

Sales e Parente (2006) afirmam que no Brasil as pesquisas de Pinheiro realizadas em 1999 e 2001 encontraram os padrões de dislexia fonológica. As pesquisas de 2001 foram

realizadas com crianças da 4ª série do ensino fundamental sendo que os tipos de erros de leitura, denotavam o uso do processo fonológico.

Outros autores como Capellini e Conrado (2012, p. 191) afirmam que:

No Brasil, o conhecimento do perfil de escolares com dificuldade de aprendizagem é de fundamental importância, pois a alta proporção de escolares que apresentam problemas em habilidades fonológicas e nomeação rápida os fazem ser confundidos com crianças que apresentam o quadro de dislexia do desenvolvimento, quando, na verdade, o que apresentam é uma falha no acesso fonológico da informação decorrente de problemas de alfabetização.

As pesquisas sobre dislexia do desenvolvimento necessitam ser ampliadas no Brasil para uma melhor caracterização de suas características, prevalência e intervenção preventiva e corretiva, pois segundo Sales e Parente (2006, p. 84):

[...] permanece em aberto quais as formas de dificuldades de leitura e escrita encontradas em crianças brasileiras e se os perfis de desempenho são exclusivos de crianças com dificuldades de leitura e escrita ou se também são encontrados em leitores competentes.

3.2 Intervenções no processo de aprendizagem da leitura em disléxicos

Estudos tem demonstrado que a dificuldade de leitura e escrita em crianças na fase de alfabetização tem aumentado a sua frequência (MACHADO, 2010). Este fato demonstra talvez não um aumento nos índices de dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita mas, um aumento nas pesquisas que se ampliaram nos últimos anos permitido um número maior de informações sobre o tema.

O número de crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita tem sido crescente no contexto escolar e consequentemente, descritos em trabalhos científicos. As principais queixas referem-se às questões de leitura, escrita e cálculo matemático (MACHADO, 2010, P. 13).

A maioria das crianças com inaptidão para a aprendizagem, não é realmente inapta, mas desinteressada. [...] “a maioria dos ambientes de aprendizagem das escolas produz desinteresse e apatia” (VALETT, 1990, p. 228).

Referenciando as dificuldades de leitura em disléxico Capovilla e Capovilla consideram que:

Essas dificuldades podem ser diminuídas significativamente com a introdução de atividades de consciência fonológica, durante ou mesmo antes da alfabetização. O seu diagnóstico deveria ser realizado por uma equipe multidisciplinar, constituída de Fonoaudiólogo, Psicopedagogo, Psicólogo, podem ainda ser solicitadas avaliações com Neurologistas, Oftalmologistas, Pediatra, Otorrinolaringologista (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2000, p.10).

Os profissionais que normalmente fazem o acompanhamento são o Psicopedagogo e o Fonoaudiólogo, já que a maior dificuldade está em lidar com os sons da língua, e na percepção dos sons relativos dos fonemas, isto é fazer relação entre letra e som, fonema e grafema.

Parece haver uma relação entre as habilidades precoces ligadas aos sons da fala como detectar rima, aliteração, categorização de palavras por sons em comum, e o sucesso eventual na leitura e escrita. Alguns estudos demonstraram que o treinamento da habilidade de segmentar fonemas acelera a aquisição desses eventos (SHAYWITZ, 2006).

Sampaio (2012) considera que a estimulação e o contato com um ambiente rico em linguagem, em que as crianças recebem muitas oportunidades de ouvir e brincar com as palavras verbalizadas, por exemplo, ouvir rimas e praticar sons que rimam facilita essa consciência.

Progressos obtidos pelos alunos em estudo e nas demais pesquisas que empregaram o programa de ensino de leitura é uma evidência de como contingências podem ser adequadamente planejadas para um ensino eficaz. O fato de o programa ser individualizado e permitir que o aprendiz realize as atividades de acordo com seu próprio ritmo, apresentar gradualmente o repertório a ser ensinado, garantir a aprendizagem de um repertório antes de prosseguir para o próximo, proporcionar a oportunidade de revisão do que já foi ensinado, apresentar consequências diferenciais para o desempenho é resultado de um arranjo de contingências que favorecem a aprendizagem das habilidades de leitura e escrita (SAMPAIO, 2012 p.22).

Os programas aplicados às crianças disléxicas, para possibilitar a aprendizagem da leitura e escrita necessitam ser individuais, projetados e organizados com o uso de material motivador e apropriado para a compreensão e o desenvolvimento da leitura (VALETT, 1990).

Considerando ainda a importância de técnicas motivacionais

Todos os métodos de ensino que levaram em conta a importância da motivação, de alguma forma, fizeram investimentos neste sentido, seja através de materiais interessantes, seja através de exortações quanto à importância de ler e escrever, seja através de prêmios ou atividades prazenteiras (FAGUNDES, 2002, p.60).

Motivar a ler e escrever será um dos objetivos fundamentais nas dificuldades de leitura e escrita, dificuldades dessa ordem, conduzem os alunos facilmente ao abandono e à evasão escolar ((SANCHEZ-CANO E BONALS, 2008).

Para Sanchez e Bonals (2008, p. 311):

É preciso que já na educação infantil, as salas de aula configurem um ambiente alfabetizador que associado às interações orais, permita às crianças a familiarização com a escrita e seus usos mediante uma reflexão sobre a linguagem que surja de situações comunicativas e funcionais.

O método baseado na decodificação fonológica é o mais citado pelos autores. Corrado e Capeline (2012, p. 189) consideram que “o processo de decodificação fonológica contribui para que a criança forme a representação ortográfica da nova palavra”, portanto, é o processo fonológico que permitirá à criança, realizar leitura pela rota fonológica.

O processamento fonológico refere-se às operações de processamento de informação baseadas na estrutura fonológica da linguagem oral e envolve a percepção e a memória de trabalho (SWAYVITZ, 2006; CORRADO E CAPELINE 2012).

A estimulação do processo fonológico no ensino da leitura é altamente relevante uma vez que, a dependência do cérebro de padrões de conectividade, pode ter relevância particular para o ensino da leitura, já que nesses sistemas padrões de conexões neurais são continuamente reforçados como resultado da prática e de experiências repetidas. Podemos então imaginar que toda vez que uma criança de 6 anos consegue associar um som a uma letra, os caminhos neurais responsáveis pela realização dessa conexão são reforçados ainda mais, ficando profundamente gravados em seu cérebro (SHAYWITZ, 2006).

Dias (2006, p. 149) afirma que: “Neste contexto figura a alfabetização fônica, empregada como método de alfabetização oficial em países como Estados Unidos, Inglaterra e França, dentre outros, recordistas mundiais em competência de leitura e escrita.” O que demonstra na prática a eficácia e eficiência do método de intervenção fonológico.

O método fônico baseia-se em instruções fônicas e metafonológicas, de modo a prover um ensino explícito e sistemático das correspondências grafo-fonêmicas, ao mesmo tempo em que propicia o desenvolvimento de habilidades metafonológicas, ou seja, da consciência fonológica (DIAS, 2006).

A dificuldade específica da dislexia está relacionada principalmente em traduzir de forma adequada e imediata as unidades da fala chamadas fonemas, para sinais gráficos.

“Sendo essa a dificuldade específica principal do dislético, a conversão grafo-fonêmica, a concentração dos esforços pedagógicos estará necessariamente ligada a tais aspectos do problema” (FAGUNDES, 2002, p. 77).

O tratamento de disléticos é bastante exigente, chegando às vezes a ser enfadonho para o profissional, pois exigem muitos exercícios, que tornam-se para o portador da dificuldade uma forma penosa de trabalho.

Desta forma para Fagundes (2002, p. 81) “No caso da dislexia onde o problema reside na conversão dos fonemas em grafemas, o que se precisa trabalhar é a consciência fonológica”.

Pode-se considerar que existem claras evidências da eficácia da alfabetização baseada no método fônico os estudos internacionais e nacionais, ratificam a eficácia da alfabetização fônica no ensino tanto de normoléticos quanto de disléticos, sendo eficaz no tratamento e na prevenção dos problemas de leitura e escrita.

Para Dias (2006) os programas interventivos devem considerar as particularidades de déficits encontrados na dislexia do desenvolvimento pois os estudos mais recentes têm identificado alcances e limitações de diferentes procedimentos e programas.

A utilização do *Software Alfabetização Fônica Computadorizada* promoveu melhora significativa nas habilidades de leitura e compreensão de sentenças escritas e de consciência fonológica” (DIAS, 2006).

Além disso, interferiu significativamente na velocidade de leitura e escrita de palavras isoladas.

“Os principais métodos de intervenção descrevem o uso de habilidade metafonológicas para o desenvolvimento da leitura e escrita” (SAMPAIO, 2012, p 28).

Para Sampaio (2012) os programas são geralmente baseados em atividades fonêmicas, silábicas (rima e aliteração), que tem como objetivo desenvolver habilidades referentes ao processamento fonológico relacionado com a leitura e a compreensão textual.

4 AUTO ESTIMA E DISLEXIA

Autoestima de acordo com Silva (2012), é a avaliação e julgamento que o indivíduo tem acerca de si próprio, ligando sentimentos positivos e negativos às suas diferentes qualidades e características, dos quais resultam sentimentos de satisfação, ou insatisfação, consigo próprio. É de fato evidente que este conceito abrangente está relacionado com uma infinidade de fatores que possibilitam uma série de conclusões e respostas.

A criança não nasce com uma imagem dela própria inteiramente formada. Aprende inicialmente a ver-se através do olhar das pessoas que são importantes para si: os pais, os irmãos, os professores e os amigos. “A consciência do seu valor pessoal, constitui, com efeito, um tesouro ao que a criança poderá sempre recorrer para enfrentar as inevitáveis dificuldades da vida” (SILVA, 2012, p.47). Desta forma, verifica-se que é o próprio indivíduo que cria a sua conduta, gerando a autoestima. “Para ocorrer o desenvolvimento, é necessária uma motivação favorável por parte do indivíduo no decorrer do percurso escolar” (p.50).

A dislexia, não influencia apenas o processo de aprendizagem, ela também afeta outros aspectos, entre eles a autoestima, se refletindo no comportamento do disléxico em relação ao seu sentimento de valor e nas relações com os outros. ‘As dificuldades na leitura e na escrita podem gerar um ciclo vicioso, de efeitos negativos no desenvolvimento global do indivíduo e na sua adaptação à vida adulta, pelo que se torna essencial uma abordagem mais específica deste problema a todos o que direta ou indiretamente se confrontam com ele’ (SILVA, 2012, p.12).

A necessidade de clarificar o conceito de dislexia é portanto, imperiosa para que a escola e a família possam compreender este tipo de problema, mas acima de tudo, para que o aluno seja ajudado e apoiado na sua luta constante para superar as dificuldades que manifesta, nomeadamente, baixa autoestima e problemas na personalidade (SILVA, 2012, p.12).

Muitos indivíduos com DA⁴, entre elas a dislexia, frustrados com as suas dificuldades para aprender, atuam de modo inseguro e adquirem sentimentos negativos de auto conceito e autoestima. Para o disléxico, o processo de leitura torna-se um pesadelo pois todas as palavras são-lhes desconhecidas.

⁴ Dificuldade de Aprendizagem

Aqueles que têm dificuldades de aprendizagem específicas depressa se apercebem de que enfrentam obstáculos inexistentes para os outros. Muitos encontram mecanismos bem-sucedidos para preservar a autoestima apesar das suas dificuldades, mas outros desenvolvem mecanismos desadequados para lidar com o assunto (SILVA, 2012, p. 53).

Silva (2012, p. 64) cita que “[...] que as crianças com dislexia apresentam valores médios de autoestima global mais baixos, quando comparadas com as crianças que não são disléxicas.”

Para Silva (2011, p.35) como consequência das dificuldades de aprendizagem, os alunos disléxicos podem apresentar os seguintes comportamentos na sala de aula:

- Recusa de situações e actividades que exigem a leitura e a escrita, devido ao receio de ter uma nova situação de fracasso;
- Sentimento de tristeza e de auto-culpabilização, podendo apresentar uma atitude depressiva diante das suas dificuldades;
- Um sentimento de insegurança e de vergonha como resultado do seu sucessivo fracasso;
- Um sentimento de incapacidade, de inferioridade e de frustração por não conseguir superar as suas dificuldades e por ser sucessivamente comparado com os demais. [...]

A avaliação da autoestima e as suas consequências no quadro do processo de aprendizagem, tem uma grande importância no atendimento de crianças disléxicas.

5. PROBLEMÁTICA

A dislexia é um transtorno que se manifesta no processo da aprendizagem da leitura e escrita. Alguns alunos quando são inseridos no processo de aprendizagem escolar, apresentam dificuldades que dificilmente são resolvidas pelos professores, que se deparam com crianças hábeis, mas que apresentam dificuldades “*inexplicáveis*” (grifo nosso) para aprender a ler.

O problema já é antigo a literatura apresenta estudos sobre o assunto e caracterizam o problema da aprendizagem da leitura em diversos ângulos:

a) Inserção do dislético na Escola (JACOB, 2012; UNESP, 2013)

Conforme Jorge Jacob (2012) em seu discurso como fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Dislexia - ABD, as escolas encontram muita dificuldade de lidar com crianças disléxicas e só com o apoio de instituições como a ABD juntamente com o esforço e interesse dos pais é possível dar um atendimento mais eficaz às dificuldades de aprendizagem resultantes do transtorno da dislexia.

b) Metodologias inadequadas para tratar dificuldades de aprendizagem (ANDRADE, 1984)

Para Maria I. S. Andrade (1984), os problemas que impedem as crianças de desenvolverem seu potencial de aprendizagem são complexos e de vários aspectos sendo um deles o relacionado à falta de metodologia adequada de intervenção na aprendizagem.

c) Falta de conhecimento dos professores sobre as dificuldades de aprendizagem (OLIVEIRA, 2012).

Ana C. Oliveira (2012) considera que a dislexia não tem relação com uma alfabetização deficitária, nem é culpa da criança, o fato é que segundo a autora muitos

professores desconhecem formas eficientes que ajudem a criança disléxica a superar esse transtorno.

Muitos professores e pais, infelizmente, ainda não têm um discernimento mais específico acerca da dislexia e suas causas, portanto muitas crianças sofrem os mais diversos tipos de preconceitos e até mesmo insultos por conta de sua dificuldade em "aprender" (grifo do autor) (OLIVEIRA, 2011, p.7).

d) Pouco conhecimento dos efeitos da dislexia no leitor iniciante na escola.

Shaywitz (2006), afirma que a dislexia do desenvolvimento produz na criança uma experiência de alguma forma frustrante, uma vez que para elas o ato de ler se transforma em um desafio muito difícil. “A maior parte das crianças deseja aprender a ler, e de fato o fazem rapidamente. Para as crianças disléxicas, contudo, a experiência é muito diferente: a leitura, que parece ser algo que outras crianças atingem sem esforço nenhum, é algo além do seu alcance” (SHAYWITZ, 2006, p.19).

Desta forma faz-se necessário ampliar a discussão acerca da dislexia no campo da Pedagogia e nas instituições de ensino e nas formadoras de profissionais da educação visando o aprimoramento e a ampliação do conhecimento necessário à formação de docente

O disléxico pela sua condição, enfrenta dificuldades na escola por não ter a mesma condição de aprendizagem de leitura dos seus colegas não disléxicos. Esse fato é ampliado muitas vezes na escola que não sabe como identificar e intervir de forma eficaz no atendimento deste aluno disléxico. A família deste aluno disléxico, muitas vezes, prejudica ainda mais essa condição em razão de pressões sobre o sujeito para que melhore o seu desempenho em leitura.

Essas condições afetam o disléxico levando-o a sentir-se incapaz de aprender a leitura de forma efetiva, possibilitando o desenvolvimento de um quadro negativo em sua autoestima.

5.1 Questão de partida

Qual a influencia no disléxico em relação à sua autoestima e em seu rendimento escolar, causado por suas dificuldades de aprendizagem da leitura?

5.2 Objetivos:

5.2.1 Geral

- Compreender as dificuldades do portador do distúrbio de dislexia do desenvolvimento, relativo ao processo da leitura e as consequências para a sua autoestima e rendimento escolar geral.

5.2.2 Específicos

1. Identificar como os sintomas da dislexia são percebidos pelos pais e professores e colegas do sujeito disléxico;
2. Caracterizar as dificuldades dos portadores de dislexia do desenvolvimento;
3. Identificar os aspectos que influenciam a auto estima do sujeito disléxico relacionados à sua dificuldade de leitura;
4. Identificar os efeitos da dificuldade de leitura do disléxico em seu desempenho escolar.

6. METODOLOGIA

6.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa é de natureza descritiva, construída em cima de uma revisão bibliográfica sobre o tema, e por uma pesquisa de campo realizada com crianças diagnosticadas com dislexia, pais de crianças disléxicas, profissionais e professores que lidam com crianças disléxicas. A pesquisa foi realizada no Núcleo de Psicopedagogia da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, da cidade de Porto Seguro – BA.

6.2 População e sujeitos

A população da pesquisa, foi constituído pelas crianças com diagnóstico de dislexia, pais ou responsáveis de crianças disléxicas, e profissionais⁵ que lidam com alunos disléxicos. As crianças, sujeito da pesquisa são clientes atendidos no Centro de Atendimento Psicopedagógico da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes de Porto Seguro - BA.

Na prática, os sujeitos foram constituídos por uma amostra de 2 (duas) crianças de 10 e 13 anos com diagnóstico de dislexia do desenvolvimento atendidas no Centro de atendimento Psicopedagógico da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, 1 (um) dos pais de uma das crianças disléxicas, 1 (uma) fonoaudióloga, 1 (uma) psicopedagoga e 1 (uma) professora, que trabalham com sujeitos disléxicos.

6.3 Instrumentos

⁵ Psicopedagogos, Fonoaudiólogos e Professores

Os instrumentos utilizados se caracterizaram por entrevistas semiestruturadas gravadas. Esse tipo de entrevista permite ao entrevistado desenvolver informações e opiniões de maneira livre de acordo como julgar conveniente permitindo ao entrevistador uma postura de direcionamento para as áreas que deseja investigar.

“A sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores...em suma, [...] o objeto das investigações[...]” (LAVILLE; DIONNE, 1997, p. 191).

O número de entrevistas foi no total de 6 (seis) uma vez que se fez necessário investigar junto aos pais do sujeito disléxico, junto a ele próprio e junto à profissionais que lidam com sujeitos disléxicos: fonoaudióloga, psicopedagogos e professores.

As entrevistas foram norteadas pelo seguinte roteiro:

Sujeitos disléxicos:

- Identificar os efeitos das dificuldades de leitura que o mesmo enfrenta no seu grupo social, tanto na escola como no ambiente familiar;
- Identificar as principais queixas e dificuldades que o sujeito enfrenta durante o processo de leitura;
- Avaliar o efeito das dificuldades enfrentadas na formação da sua autoestima.

Pais de criança disléxica:

- Identificar as percepções dos pais das dificuldades da criança no processo de aprendizagem da leitura;
- Identificar a avaliação dos pais em relação à escola e a metodologia utilizada no ensino da leitura do filho disléxico;
- Verificar a percepção dos pais dos efeitos da dislexia na autoestima dos filhos;
- Identificar as ações necessárias segundo os pais para uma intervenção eficaz em crianças disléxicas que possam ajudar o sujeito disléxico nos obstáculos que enfrenta.
- Avaliar quais são as ações que os familiares realizam como apoio nas intervenções com crianças disléxicas

Professores, psicopedagogos, Fonoaudiólogo:

- Identificar as percepções do profissional das principais queixas e dificuldades que o disléxico enfrenta no processo de aprendizagem da leitura
- Avaliar quais os procedimentos eficazes para reduzir os efeitos de desvalorização pessoal do disléxico causados pela sua condição
- Que métodos pedagógicos são utilizado no processo de ensino da leitura para disléxicos
- Verificar qual a avaliação do entrevistado sobre a importância da participação da família no processo de intervenção de ajuda do disléxico
- Identificar a quais as ações que a escola pode propiciar para ajudar o disléxico

6.4 Procedimentos

Foram realizadas 6 (seis) entrevistas, envolvendo o pai de um sujeito disléxico, dois sujeitos disléxico, uma fonoaudióloga, uma psicopedagoga e uma professora que lidam com sujeitos disléxicos.

Para a realização das entrevistas pautou-se o seguinte procedimento: Identificou-se dois sujeitos diagnosticados como disléxicos e obteve-se a autorização dos seus pais para a realização da entrevista; convidou-se um dos pais de um dos sujeitos disléxico, para ser entrevistado e identificou-se os três profissionais que lidam na intervenção com disléxicos da rede pública de ensino do Município de Porto Seguro, sendo uma professora, uma psicopedagoga e uma fonoaudióloga. Apresentou-se os objetivos da pesquisa e informou-se da total confidencialidade dos dados sendo os seus nomes mantidos no anonimato.

Após análise da disponibilidade de agenda dos envolvidos foram marcadas datas horário e local para as entrevistas.

As entrevistas seguiram os roteiros estabelecidos para cada sujeito e a transcrição das mesmas encontram-se no Apêndice.

7. ANÁLISE DOS DADOS

7.1 Procedimentos

Para a realização da análise de dados colhidos nas entrevistas, optou-se por usar-se processos interpretativos visando colher todas as informações pertinentes à investigação.

A análise envolveu a identificação dos fatores que influenciam o sujeito disléxico, na formação da sua autoestima e o reflexo em seu processo de aprendizagem da leitura. Para isso foram feitos vários recortes sendo o primeiro o estabelecimento de três eixos básicos conforme segue:

1. Como o entrevistado percebe a dislexia no contexto em que vive e lida?
2. Que influencias da dislexia o entrevistado percebe no contexto vivido pelo sujeito disléxico?
3. Quais as ações de intervenção junto ao sujeito disléxico minimizam os efeitos da dislexia no seu processo de vida?

Dado que a finalidade é evidentemente agrupar esses elementos em função da sua significação, cumpre que esses sejam portadores de sentido em relação ao material analisado e às intenções da pesquisa. Os elementos assim recortados vão constituir as unidades de análise, ditas também unidades de classificação e registro (LAVILLE; DIONE, 1997, p. 216).

Desta forma fez-se mais um recorte em cada um dos eixos estabelecidos buscando a representação das unidades de registro mais simples, definindo-se então:

1. Como o entrevistado percebe a dislexia no contexto em que vive e lida?
 - 1.1 A dislexia e seus fatores;
2. Que influencias da dislexia o entrevistado percebe no contexto vivido pelo sujeito disléxico?
 - 2.1 Influencia do ambiente escolar;
 - 2.2 Influencia do ambiente familiar;

2.3 Influencia na autoestima do sujeito disléxico.

3. Quais as ações de intervenção junto ao sujeito disléxico minimizam os efeitos da dislexia no seu processo de vida?

3.1 Intervenções na escola;

3.2 Intervenções na família;

3.3 Intervenções no sujeito disléxico.

7.2. Dislexia e seus fatores

As principais características da dislexia, são as dificuldades de aprendizagem de leitura, que de uma forma geral influenciam a aprendizagem como um todo, pois se reflete no entendimento de textos dificultando aprendizagem de outras disciplinas como ciências, matemática e outras.

Podemos observar no depoimento de VL quando fala como se inseriu no mundo da criança com dificuldade de aprendizagem enquanto professora.

Trabalhava nessa época numa escola e comecei a me inquietar com crianças que tinham muita dificuldade mesmo depois de quatro anos ainda estarem semialfabetizadas, Essas crianças iam trabalhar depois da escola, seja nas praias ou barracas no atendimento de turistas, vendendo alguma coisa em um tipo de sub emprego. Essas crianças chegavam em casa muito tarde e não tinham condições físicas de fazerem as atividades escolares, chegavam na escola no outro dia muito cansadas e não tinham condições de prestar atenção nas aulas (VL).

Como professora, e coordenadora de um centro de atendimento de crianças especiais VL, relata que o seu contato com disléxico foi juntamente com outras crianças com distúrbios diversos “O público do CEAME é misto, envolve crianças de todos os tipos de ocorrências, dificuldades de leitura gerados pela *dislexia*, dificuldades de locomoção como o cadeirante, crianças com dificuldade visual e crianças surdas[...]” (grifo nosso).

VL afirma que em sua observação percebe que:

A criança disléxica muitas vezes não é encaminhada para atendimento especializado por não incluir características dos transtornos básicos. A criança que chega ao CEAME, já chega quando a situação está grave, chega com problemas emocionais, com depressão. Não chegam crianças com problemas de apenas aprendizagem e sim com problemas gerais. Desta

forma a dislexia por ser um problema de aprendizagem não é enfatizada e sim tratada entre outros transtornos.

Um aspecto característicos de crianças disléxicas é que em razão de sua dificuldade de aprendizagem da leitura levam a demonstrar que aparentemente não tem interesse ou motivação para o estudo apresentando de forma desatenta e sem concentração, parte dessas crianças não tem interesse porque não conseguem entender e ficar tentando aprender algo que não conseguem e que os leva a perder o interesse.

Para VDF, a sua experiência com crianças com dificuldade de aprendizagem entre eles os disléxicos, envolveu a percepção de principalmente um certo desinteresse e motivação para aprendizagem.

Sou graduada em Letras e Psicopedagogia Institucional e clinica procurei atuar com atendimento com crianças com dificuldades de aprendizagem em razão do tempo em que trabalhei com crianças em sala de aula. Eu observava muito as crianças e os colegas me chamavam muito a atenção assim: *Porque será que aquele menino não quer nada? Porque será que aquele menino fica naquele canto e não sabe nada? a gente está conversando explicando alguma coisa e parece que eles estão em outro planeta*, essas coisas foram me inquietando (grifo nosso) (VDF).

As experiências mostram que as dificuldades de aprendizagem de leitura, levam ao desinteresse pela aula, esse desinteresse pelas aulas, muitas vezes é interpretado pelos professores como indisciplina, um olhar mais aprofundado verá que o principal problema é a dificuldade de entender o que está escrito, passa por não conseguir fazer a leitura dos grafemas e com isso não conseguem entender as palavras.

As intervenções de profissionais que buscam explicar a não aprendizagem com base em outros fatores que envolvem o dia a dia do sujeito, são eficazes para a descoberta e o diagnóstico da dislexia.

Atuo principalmente na área da deficiência intelectual, entre outras o distúrbio da dislexia. Busco identificar porque essa criança não consegue aprender, qual foi o motivo que levou ela lá atrás, houve algum problema familiar? Ocorreu algo com a criança? Doença, alguma coisa, principalmente eu pergunto muito sobre o espaço das coisas deles que tem relação com a sua dificuldade (VDF).

Avaliando o sujeito disléxico e o seu depoimento a respeito das suas dificuldades, podemos constatar, que a maior dificuldade se resume em ler e escrever, JC é um aluno de 10 anos, disléxico, que ao ser indagado sobre se tinha alguma dificuldade na escola disse: “Sim, dificuldade para ler e escrever.”

Complementando JC ainda afirma: “Sinto dificuldade de prestar atenção, escrever, o barulho me atrapalha. Tento ler com atenção porém não consigo, tenho dificuldade de leitura na junção das letras, no som que formam. Fico sem entender, não sei nem o que vou perguntar para a professora.”

Percebe-se que ocorre desatenção causado pela dificuldade continua de entender o que as letras representam, levando ao aluno dislético a sentir-se incapaz de aprender o processo de leitura.

Outro caso se refere a M, uma criança dislética de 13 anos, que com muito esforço conseguiu superar alguns obstáculos para a leitura, porém não consegue ler com fluência, uma vez que o processo de leitura fluente, característica dos bons leitores, não ocorre em disléticos em razão de falhas no processamento neurológico do cérebro “um bloqueio na estimulação da área occipitotemporal, os mesmos não acumulam palavras que podem ser usadas rapidamente, (vide p.24).” M ao comentar sobre suas dificuldades de leitura diz “Sinto-me atrasado em relação aos outros alunos”. “Não consigo ler para o público, falho em algumas palavras.”

Estas declarações de crianças disléticas caracterizam a sua dificuldade de decodificar a simbologia da leitura, os estudos mostram que essa falha na decodificação da língua escrita se relaciona principalmente com falhas nos processos fonológicos.

Para JS, pai de uma criança dislética, o principal obstáculo do seu filho está em entender os fonemas, JS relata o seguinte: “Acho que o principal obstáculo é não conseguir entender a junção das letras, após repetir para ele como soletrar, vejo que ele em seguida, não consegue ler aquela mesma palavra que foi ensinada.”

As dificuldades de leitura na escola, são identificadas principalmente em crianças que estão na fase da alfabetização, envolvem vários fatores, entretanto partes destes fatores se referem ao transtorno da dislexia. VDF se referindo as suas experiências na lide com crianças com dificuldade de leitura afirma que “As dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita podem ser relacionadas à dislexia ou outros fatores.” A mesma comenta que tem alunos de 18 anos que não sabem escrever, sujeitos sem nenhum problema relacionado a outras síndromes, alunos capazes que demonstram inteligência normal mas que não conseguem desenvolver a aprendizagem para a leitura.

A maioria dos casos de crianças que chegam à adolescência sem conseguir ler, são identificados com crianças que já apresentaram transtorno de aprendizagem na infância, mas que não foram devidamente acompanhados e orientados pelos seus professores.

Tenho alunos de 18 anos que não sabem escrever, não que eles tenham problemas mentais, ou sejam especiais, são crianças que tiveram déficit de aprendizagem lá atrás. Na minha opinião eu vejo dessa maneira, então na anamnese, nessas coisas todas eu procuro conversar muito com os pais, depois eu chamo as crianças e descubro que na maioria eles não sabem porque não conseguem aprender, as vezes não tiveram uma alfabetização correta, ou no caso do disléxico nunca ninguém percebeu se era ou não, então a criança se torna um problema para o professor em sala de aula (VDF).

Para NS, Normalmente a dislexia é detectada na infância, mas se não tratada, persiste até a vida adulta.

A dislexia é detectada na infância, tem adulto que consegue superar, sendo que todos eles que ainda sentem o reflexo da dislexia, na maioria tem vergonha e não assumem a dislexia, porém sofrem até hoje das dificuldades de leitura. Tratam-se de pessoas muito inteligentes, que não entendem porque não conseguem decifrar o código da leitura, enquanto outros sujeitos menos capazes que eles, segundo as próprias observações conseguem (NS).

Um fator preponderante que influencia o adulto disléxico é a vergonha que sente de declarar que não sabe ler, as intervenções nestes adultos segundo NS, profissional que atua neste tipo de intervenção, é não trata-los por disléxicos para evitar o sentimento de serem *deficientes* (grifo nosso). “Aqui a gente tem casos de adultos que foram trabalhados sem serem tachados de disléxicos. O termo dislexia de uma forma geral afeta o sujeito fazendo-o julgar-se incapaz, diferente, deficiente (NS).”

Um outro aspecto fundamental que caracteriza a dislexia para NS, é a memória de curto prazo, que ocorre com muitas crianças que tem dificuldade de leitura mesmo as não disléxicas. NS relata que “É importante que se observe o processamento auditivo da criança, que envolve o tempo que o sujeito leva para entender os fonemas ouvidos.” Trata-se da memória de curto prazo, muitas crianças, tem falhas no processamento auditivo. Algumas não são disléxicas, porém todas as crianças disléxicas, tem comprometimento do processo auditivo.

7.3 Influência do ambiente escolar

É na escola, que aparecem e são identificados os primeiros sintomas da Dislexia, pois são percebidos na maioria das vezes, durante o processo de alfabetização dos alunos, quando são identificados, aqueles alunos que não conseguem desenvolver a leitura, mesmo com todo o esforço pedagógico do professor. Desta forma, as influências da dislexia no ambiente escolar, torna-se um ponto fundamental para o presente estudo.

O problema básico identificado pelo estudo, envolve a falta de preparação do professor e demais profissionais que atuam na escola, para lidar pedagogicamente com a dificuldade de leitura do dislético. De uma forma geral o professor não conhece o distúrbio, não entende porque o aluno não consegue aprender, dessa forma, não sabe como atuar para ajudar o aluno, que segue os seus estudos sem o apoio da escola, aumentando cada vez mais a sua desmotivação para os estudos, repetindo de série e ampliando os índices evasão escolar.

Para VDF, relatando a sua experiência, esse é um quadro real das escolas que conhece “A falta de conhecimento do professor é percebida e isso torna mais difícil para a criança que não tem quem a ajude.”

Para VL outra profissional que exerce atividade de professora e psicopedagoga, uma dificuldade do professor é que em razão do mesmo ter pouco ou nenhum conhecimento da dislexia, o mesmo tenta sanar o problema de aprendizagem do dislético, usando o mesmo método que usa com crianças não disléticas. “Tem muito educador que tenta ensinar a criança com deficiência de aprendizagem no mesmo nível das crianças que não possuem transtorno, dificultando ainda mais a aprendizagem desta criança” (VL).

Para NS,

O grande problema é que não é só a família que não consegue entender o sujeito dislético, nós da educação também não sabemos, daí o sujeito dislético é muito discriminado. Tratam-se de pessoas muito inteligentes, que não entendem porque não conseguem decifrar o código da leitura, enquanto outros sujeitos menos capazes que eles, segundo as próprias observações conseguem.

VDF, na sua lide como profissional de psicopedagogia, atua no CEAME, que é um centro de atendimento especializado para atendimento de crianças especiais, entre elas, as crianças disléticas. A mesma declara, a desconformidade de comunicação existente entre as escolas e o centro, segundo ela a baixa preparação do professor no conhecimento do

transtorno disléxico, leva-o a interpretar que qualquer problema de aprendizagem, que enfrenta na escola, já constitui uma necessidade de encaminhamento da criança para o centro especializado. Muitas vezes, esse encaminhamento é desnecessário.

Aqui em Porto Seguro quando o professor percebe que a criança tem problemas, ele a envia para cá, porque o professor não está preparado para atuar com problemas de aprendizagem. Qualquer dificuldade da escola é motivo para enviar a criança para o CEAME. Os professores não sabem lidar com crianças com algum comportamento diferente (VDF).

Há um descompasso entre as ações do CEAME e as escolas, as recomendações dos profissionais do CEAME para as escolas não são continuadas, ocorre uma certa falta de informações, que se reflete no atendimento do aluno. VDF comenta sobre essa relação “quando eu atendo uma criança eu envio um relatório para a escola. Normalmente essa criança é atendida na Escola. Eu não sei o que a escola faz com o relatório, eu vejo a questão como um despreparo dos professores na atuação paralela do atendimento do psicopedagogo aqui do Ceame.”

Há uma preocupação em se orientar os professores, entretanto o número de professores é muito grande comparado com os profissionais existentes no Ceame que além de atenderem os casos que lhes são encaminhados, não dispõem do tempo necessário para o trabalho de orientação. Algumas ações de orientação são tomadas de forma individual como relata VDF: “Tenho feito um trabalho com os professores das salas especiais das várias escolas visando buscar soluções para esses problemas.”

Para JS pai de um aluno disléxico seu filho tem o comportamento influenciado em razão da dificuldade que tem. “acho, que ele sente-se um pouco envergonhado, por não conseguir ler da mesma forma que os colegas que não tem o mesmo problema.” (JS)

O relacionamento social na escola é outro aspecto que foi identificado na pesquisa, de uma forma geral o disléxico não se relaciona amplamente, alguns se recolhem e reduzem contatos sociais com receio de expor suas dificuldades, quando no máximo encontramos disléxicos socialmente integrado porém em um grupo menor de amigos. “Tenho poucos amigos na escola, sinto-me muito bem quando estou com eles, meu grupo de amigos” (JC)

7.4 Influência do ambiente familiar

A família do disléxico de uma forma geral é muito afetada pelo transtorno do sujeito. É na família que o sujeito se sente mais à vontade, no contato com pais e irmãos, ele tem uma

grande influência na construção dos seus valores, vive suas emoções enfrenta seus conflitos. O dislético dentro da família pode ser ajudado, quando a família entende o seu problema, o obstáculo que enfrenta e ajuda-o na superação; ou pode ser o local da ampliação do seu conflito, pois famílias que não conhecem a dislexia, que não tem informações sobre suas causas e efeitos no sujeito, muitas vezes por esses motivos, discriminam a criança pressionando-a para aprender, comparando-a com os irmãos não disléticos que não enfrentam as mesmas dificuldades na escola, levando-o a ampliar os efeitos da dislexia no seu processo de aprendizagem, afetando a sua motivação para aprender e a sua autoestima de forma negativa.

VL, em sua experiência na área da intervenção com crianças disléticas entende que:

A nossa realidade é família não letrada, se a gente falar que a família precisa ajudar, acompanhar e estimular a tarefa, estaríamos falando uma utopia em termos de inclusão. Então é falar assim, o que fazer para o aluno quando a família não tem como educar? De qualquer forma essa família precisa ser informada, precisa ser orientada, precisa ser dito para não comparar com outro irmão que não tem a mesma limitação.

Para a entrevistada a família de uma forma geral não está pronta para lidar com as dificuldades de aprendizagem apresentada pelo dislético, desta forma necessita de ajuda atuação especializada, seja de profissionais de fonoaudiologia, psicopedagogia ou professores, para prepara-la para lidar com a criança dislética.

As famílias muitas vezes ficam chocadas quando são informadas do diagnóstico da dislexia do filho. VDF, Psicopedagoga ao dar a notícia para uma mãe que o filho tinha dislexia, relatou o seguinte:

Eu disse é possível que a sua filha tenha o mesmo que o pai dela. Eu não posso afirmar, mas ela pode ter dislexia. A mãe começou a chorar achando que isso era uma doença grave. O não conhecimento da família é claro, a mãe falou que nunca ouviu falar disso, o que é isso, minha filha é doente? Eu vou ter que fazer tratamento?

Para NS – fonouaudióloga, “Sem a família fica difícil atuar, e a dislexia envolve muito a família, que tenta entender a dificuldade do filho causada pelo transtorno.”

Quando a família não está preparada para ajudar, geralmente ela discrimina a criança, pois na tentativa de ajudar, fazem observações discriminatórias com o filho, sugerindo que o mesmo não aprende porque não quer, os pais não aceitam o fato por não entenderem o que o filho tem. “As vezes essa discriminação é maior em casa, pois os irmãos

não são daquele jeito, não tem essa dificuldade, e os pais também por desconhecimento, fazem comparações que afetam fortemente o dislético em razão da discriminação” (NS).

O sujeito dislético percebe que alguma coisa está errada, a leitura auditiva comprometida permite que ele perceba que não consegue entender plenamente a linguagem dos outros, a mãe fala uma coisa ele entende outra. Passam a ser crianças discriminadas e quando chegam a idade adulta continuam sendo discriminados pela sua dificuldade de leitura.

As famílias que buscam ajuda para entender o problema do filho e se dedicam a ajuda-lo, conseguem minimizar fortemente o efeito da discriminação e melhorar a motivação do dislético em continuar no seu processo de superação dos obstáculos causados pela dislexia. “Ao certificar-me que ele estava enfrentando dificuldades na escola, procurei saber junto a Escola e professores, qual o problema e como ajudar” (JS – pai de uma criança disléxica).

7.5 Influência na autoestima do sujeito dislético.

Um aspecto que se destaca nos efeitos da dislexia, é o efeito que causa na percepção que o mesmo tem de si mesmo, ou seja, corresponde a sua auto avaliação, como se percebe como sujeito individual e social, quais são seus pontos positivos e onde está falhando.

Está percepção leva o sujeito a desencadear um esforço para superar os obstáculos que enfrenta, o obstáculo do dislético está relacionado com a grande dificuldade de aprender a decifrar o código da língua, ele não consegue aprender a ler com a mesma eficácia dos seus colegas de classe.

O resultado do esforço inicial do dislético não surte efeito uma vez que sem ajuda, dificilmente conseguirá supera-los. Desta forma a falha no esforço de superar o problema leva-o a desenvolver um sentimento de frustração que tem como reflexo um comportamento evitativo das situações constrangedoras da exposição no seu grupo social escolar e familiar. Como consequência o quadro de ansiedade do dislético se intensifica com reflexos na sua vida social escolar e familiar. A sua autoestima é influenciada com sentimento de auto desvalorização com consequências da perda de motivação para a aprendizagem escolar focada no processo de leitura.

VL, Coordenadora do CEAME em Porto Seguro, avaliando a questão do tratamento de disléxicos neste centro de atendimento para crianças com problemas de aprendizagem, avalia que o disléxico não tem atendimento direcionado para suas dificuldades específicas porque ele é tratado como criança com problemas gerais de aprendizagem entre outros.

A criança disléxica muitas vezes não é encaminhada para atendimento especializado por não incluir características dos transtornos básicos.

A criança que chega ao CEAME, já chega quando a situação está grave, chega com problemas emocionais, com depressão. Não chegam crianças com problemas de apenas aprendizagem e sim com problemas gerais. Desta forma a dislexia por ser um problema de aprendizagem não é enfatizada e sim tratada entre outros transtornos. (VL)

A depressão, a rebeldia generalizada, são reflexos em alunos que não tiveram ajuda para superar os seus obstáculos de aprendizagem durante um tempo significativo. Os distúrbios psicológicos são observados principalmente em crianças que estão vivendo a fase da adolescência.

Para VDF, psicopedagoga que trabalha com disléxicos comenta que a autoestima do sujeito é fortemente afetada principalmente por discriminação ocorrida na escola e na família

“Na escola ocorre muita discriminação muitos professores os chamam de *burros, que não querem nada*, colocam a queixa como dificuldade de aprendizagem e *falta de interesse* quando na verdade trata-se de um distúrbio que não depende da vontade do aluno como é o caso da dislexia” (VDF) (grifo nosso).

O efeito no disléxico deste comportamento ao qual é constantemente submetido para VDF, é a “baixa estima, a baixa estima é muito grande, porque ele não sabe o que está acontecendo com ele, a família também não sabe, tem muitos pais como já falei, que brigam muito com o filho, *você não sabe ler, você não sabe escrever, você é burro*, isso tudo afeta a criança” (grifo nosso).

Desta forma a criança termina ficando durante anos sob esta condição da qual não consegue livrar-se, “Todo mundo da família critica a criança, veja o emocional da criança só pode ser afetado, com toda essa pressão. Ela acha que o problema é sério, ela pensa, será que eu sou burra mesmo? Será que estou doente?” (VDF).

Um aspecto cruel da dislexia é o efeito sobre o adulto, é aquele sujeito que ao longo da vida foi discriminado e acha que o problema é seu, que é incapaz de aprender a ler de forma correta, alguns nunca ouviram falar do seu distúrbio outros já escutaram e dizer que tem dislexia, o ato é a palavra *dislexia* fica associada a uma espécie de doença sem tratamento.

Muito destes adultos são ajudados por profissionais e quando deste processo descobre-se o quanto foram afetados. NS fonoaudióloga que trabalha com crianças e adultos disléxicos comentou em suas declarações, que no tratamento de adultos, deixava-se de citar o termo *dislexia*, dizia-se dificuldade de aprendizagem de leitura, mas não se usava o termo *dislexia* por afetar o sujeito em sua autoestima (grifo nosso).

Aqui a gente tem casos de adultos que foram trabalhados sem serem chamados de disléxicos. O termo dislexia de uma forma geral afeta o sujeito fazendo-o julgar-se incapaz, diferente, deficiente.

Esse é um fator preponderante que leva a influenciar o seu auto julgamento, e leva-o a sentir um sofrimento intenso, pois é chamado de burro, hiperativo, incapaz, etc.

As vezes essa discriminação é maior em casa, pois os irmãos não são daquele jeito, não tem essa dificuldade, e os pais também por desconhecimento, fazem comparações que afetam fortemente o disléxico em razão da discriminação (NS).

Para NS existe uma relação entre o efeito da dislexia na autoestima do aluno e o seu reflexo no comportamento disciplinar do aluno.

Eu trato de uma criança que é disléxica, já adolescente com 13 anos que não consegue ler, é revoltado já agrediu dois professores. A criança enfrenta um sofrimento intenso causado pela dislexia, pela forma como é julgado pelos outros, o que o leva a construir um mecanismo de defesa em muitas vezes relacionado com a agressividade.

Diferentemente percebe-se que “Crianças disléxicas que foram bem cuidadas, sentem-se agradecidas e aí, o efeito na sua autoestima é positivo” (NS).

JS pai de uma criança disléxica relata que mesmo dando toda a atenção em ajudar seu filho percebe que o fato do mesmo ter dificuldade de leitura desmotiva-o muitas vezes a continuar tentando aprender. “Percebo que a dislexia tem efeito desmotivador para o meu filho, sinto que a sua vontade de continuar tentando aprender diminui pelas dificuldades que enfrenta, acho que as vezes ele se sente incapaz.”

Algumas crianças tentam esconder a sua insatisfação com os efeitos da dislexia, JC, de 10 anos, disléxico quando entrevistado, relatou que sente-se normal quando percebe que outras crianças não disléxicas não tem a mesma dificuldade de aprendizagem de leitura que ele tem, entretanto ao ser colocado para avaliar uma criança com dificuldade de leitura que estivesse sendo discriminada pelos colegas de classe, declarou não gostar do fato. “Sinto-me

normal quando me comparo com crianças que não tem o mesmo problema de aprendizagem que eu.” Entretanto “não gosto quando os colegas fazem gozação com crianças que não sabem fazer o dever, pois a dificuldade de leitura prejudica o desempenho delas.”

Outra criança disléxica M, de 13 anos declarou: “Sinto-me normal quando comparado com outros colegas que leem normal, porém fico um pouco chateado quando me vejo com dificuldades, que os meus colegas não tem”.

7.6 Intervenções na escola

Existem três grandes áreas de intervenção no controle da dislexia que necessitam ser realizadas paralelamente pois atuam no campo de vida do sujeito disléxico, a intervenção em uma das áreas, não elimina a necessidade de intervenção nas outras duas, a intervenção nos sintomas da dislexia, necessitam envolver as três áreas as quais estudaremos separadamente são elas: Intervenção na escola do disléxico; intervenção na família do disléxico; e intervenção no sujeito disléxico.

A escola é onde são percebidos de forma mais latente os sintomas da dislexia principalmente durante o ensino básico infantil, durante o ensino da leitura e escrita da língua, no processo de alfabetização que todos os alunos são submetidos.

As intervenções na escola são fundamentais para se debelar e reduzir o efeito do transtorno da dislexia.

Para VL – Psicopedagoga e professora ao avaliar a educação infantil atual no município de Porto Seguro, relata, que falta melhorar a base de nossa educação infantil, para ela o nosso aluno necessita de uma mudança de olhar do professor, deve haver uma preocupação maior com os problemas de aprendizagem de leitura na educação infantil. Ela ressalta que: “Falta nossa educação infantil, melhorar a base, para que as crianças cheguem ao fundamental com menos dificuldades.”

Segundo VL a intervenção na escola com orientação dos professores em como lidar com crianças disléxicas, apresenta resultados visíveis no processo de aprendizagem dessas crianças, a mesma comenta que em entrevista com mães de crianças disléxicas que tiveram

seus professores orientados nos aspectos de como lidar pedagogicamente com alunos disléxicos, observou resultados satisfatórios.

VL, declarou que:

Temos retorno da mãe que a criança melhorou na escola. A escola retorna dizendo que melhorou o comportamento. Ocorre uma mudança de olhar da professora sobre o sujeito, percebe-se no sujeito, que ele reduz o medo, sente-se mais seguro, não fica mais cabisbaixo, envergonhado das suas dificuldades.

Quando o aluno com dificuldades é bem acompanhado, cuidado, orientado, o mesmo consegue aprender e a se desenvolver. As estimulações em sala de aula, como lateralidade, localização espacial melhoram a aprendizagem.

Para NS fonoaudióloga, “Um professor bem preparado pode identificar precocemente o problema da inteligência linguística que é um dos primeiros problemas a aparecerem.” Continuando, NS afirma que, “Alguns disléxicos não tem problema de percepção do som e sim, problemas de interpretação fonológica.” E que, “Se trabalhássemos as crianças na escola com estimulação do processamento auditivo, teríamos uma atuação precoce e fundamental para reduzir as consequências da dislexia.”

A intervenção junto aos professores de escolas da educação básica (Educação infantil, Ensino fundamental e Ensino médio), envolvendo profissionais especializados como: psicopedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos, resultam em um grande avanço na melhoria do processo de aprendizagem do disléxico.

É imprescindível intervir na família, porém intervir na escola é fundamental. A fonoaudiologia sempre esteve relacionada com a Educação. O profissional da fonoaudiologia é responsável também em cuidar dos processos de aprendizagem, inclusive na atuação com professores (NS).

Para JC, aluno disléxico de 10 anos, comentando o que faz para enfrentar suas dificuldades o mesmo afirma: “Enfrento a dislexia tentando ler de novo aquilo que não consigo entender,” para esse aluno os professores deveriam ajudar mais os alunos a entenderem o que está escrito no quadro e não ficar insistindo e forçando para que o aluno aprenda, só porque outros alunos aprenderam, sem muito esforço.

Muitas vezes esses alunos (disléxicos) sabem a matéria, conhecem a resposta de uma questão, mas por não conseguirem decifrar a pergunta, muitas vezes, tiram notas baixas e são prejudicados nos resultados. O relato de JC, ilustra essa questão.

Acho que os professores deveriam ajudar mais, teve um caso em que um professor me ajudou a entender o que estava escrito em uma pergunta de uma prova, isso fez com que eu conseguisse tirar um ponto a mais. Acho que os professores deveriam ajudar mais as crianças que tem dificuldade de leitura (JC 10).

A pratica de algumas atividades pedagógicas, voltadas preferencialmente para crianças com dificuldades de aprendizagem, entre elas, a dislexia, atuam no fortalecimento da motivação, estimulam a percepção e ampliam o processo de aprendizagem, entre elas podemos citar:

- Reforço pedagógico para escutar uma leitura de um trecho várias vezes, com estimulação para leitura de pequenos trechos seguidos novamente da estimulação auditiva; atividade de teatro com memorização de falas previamente escritas;
- Propor atividades sociais envolvendo alunos disléxicos em atividades de grupo, para reduzir a sua tendência de se isolar ou se relacionar apenas com colegas mais próximos;
- Possibilitar um tempo maior para realização de avaliações, dando a chance ao aluno disléxico de um maior tempo para decodificar as questões.;
- Ler as questões de provas para o disléxico sempre que necessário;
- Possibilitar ajuda na escrita de exercícios para os disléxicos entre outros.
- Enfim entender que a criança disléxica tem uma percepção mais lenta do código escrito, que tentar seguir com essas crianças o mesmo método usado com outras não disléxicas, não será satisfatório.

M, criança disléxica de 13 anos, já entrando na fase da adolescência, comenta em suas declarações o que faz com ajuda dos professores para estimular sua aprendizagem: “Faço teatro na escola, quando faço teatro sinto-me melhor, gosto muito do teatro, pratico a leitura e consigo decorar as falas das peças.” Completando M, diz ainda: “Tenho muitos amigos na escola, me sinto bem com eles, gosto de brincar, conversar, falar das tarefas. Não tenho problemas de relacionamento na escola.”

7.7 Intervenções na família

O meio familiar é o local onde o sujeito vivencia grande parte de suas aprendizagens, é neste meio que o sujeito procura apoio de todos os níveis para os problemas que enfrenta, entre eles os problemas emocionais e afetivos. Neste meio familiar o sujeito sente-se mais seguro e também muitas vezes mais vulnerável, depende da forma como é tratado, com apoio ou com discriminação. A falta de preparo das famílias, para lidar com problemas de aprendizagem dos filhos, se intensifica com problemas de ordem neurológicos, de que não tem compreensão, os pais de uma forma geral não conhecem a respeito da dislexia, quando procuram saber a respeito disso, tem entendimentos muitas vezes deturpados e estereotipados, por não ser este um assunto conhecido e tratado nas relações pais e escola.

O despreparo dos professores desta forma se reflete na família, a discriminação recebida na escola se prolonga para o meio familiar, potencializando o dano no processo de aprendizagem do sujeito disléxico.

Para VL, psicopedagoga e professora em sua experiência com disléxicos,

As famílias em primeiro lugar, precisam de informação, o ideal é que a mãe comece a aprender e possa ajudar o filho. Precisa-se de uma política pública de aprendizagem dessas famílias, se a mãe não estudou, ela fica sem poder atuar e ajudar no processo do filho. Um dos aspectos da intervenção é orientar a família para que valorize as atuações do filho, apoie-o nos seus acertos e não evidencie os seus erros.

Na experiência de VL a atuação de profissionais especializados junto à família do disléxico necessita ser ampliada para que possa-se obter resultados mais eficazes e satisfatórios no tratamento de disléxicos. Em razão da falta de políticas educacionais tanto do Estado como do Município, voltadas para esse processo de intervenção, o que se consegue fazer, é um aconselhamento fugaz em momentos de contato com pais de crianças disléxicas, onde se orienta sobre pequenas intervenções que tratam de “*não faça isso, não compare etc..*” (grifo nosso).

VDF, Psicopedagoga que lida com crianças disléxicas, comentando sobre suas ações junto aos familiares de crianças disléxicas relata: “Eu sempre chamo os pais para falar que cada criança, tem o seu momento para aprender, alguns aprendem diferente.”

Continuando sobre a exposição de suas ações junto às famílias de disléxicos, relata: “Faço uma pesquisa sobre aquela criança e como os seus pais lidam com ela, eu tenho que

saber o que acontece na vida daquela criança para saber como trabalhar” nesta entrevista VDF busca conseguir o empenho da família no que podem contribuir para ajudar a criança disléxica no seu processo de aprendizagem.

É notória a falta de conhecimento sobre a dislexia de famílias cujos filhos são encaminhados ao CEAME, de Porto Seguro. A grande maioria é de origem humilde de classe sócio econômica baixa, que não tiveram oportunidade de estudar e dessa forma pouco acesso a informação sobre o transtorno disléxico.

Salientando essa situação, VDF ilustra o caso de uma mãe por ela atendida:

Essa semana, com relação à dislexia, veio uma mãe. Foi a primeira vez que ela veio, eu fiz uma pequena avaliação junto com a criança, a menina estava quieta, ela tem 8 anos, eu solicitei que escrevesse alguma palavra, ela não soube escrever, conhece as letras soltas, mas não sabe juntar as sílabas para formar a palavra. Conversando com a mãe, ela foi explicando para mim, que ela (a criança), sempre foi assim desde pequena, eu perguntei se na família tem alguém que a senhora observou o mesmo sintoma, se demorou aprender a ler. Ela ficou pensando e disse o meu marido, ele até hoje não escreve correto, sempre escreve errado. Eu disse é possível que a sua filha tenha o mesmo que o pai dela. Eu não posso afirmar, mas ela pode ter dislexia. A mãe começou a chorar achando que isso era uma doença grave.

É fundamental a intervenção na família pois uma família orientada pode contribuir de forma decisiva para a melhoria do processo de aprendizagem do sujeito disléxico. “A orientação da família e dos professores tornam a intervenção completa” (VDF).

JS, pai de uma criança disléxica é um pai orientado que reconhece a importância da atuação familiar junto ao filho, para ele, “O papel da família é apoiar e ajudar, já vi que reclamar e pressionar a criança não gera efeito, estou aprendendo com meu filho, como lidar, e já percebi que apoiar e ajudar é a melhor maneira”.

Para JC, criança disléxica de 10 anos, relata que sua família o apoia muito, lembrando-o dos deveres de casa, ajudando-o sempre quando tem dificuldades. “Quem me ajuda mais é meu pai, porém minha mãe também me ajuda quando está comigo. Me sinto ajudado pelos meus pais, quando eles me explicam aquilo que eu não entendo”

O efeito da ajuda familiar é percebido pelos depoimentos de crianças disléxicas, que sentem o peso do apoio familiar, reduzindo o efeito do bloqueio causado pelos obstáculos gerados pela dislexia.

M, outra criança disléxica de 13 anos, comenta de forma positiva as ações de sua família: “A minha família procura me ajudar nas minhas dificuldades. Sinto-me ajudado pela

minha família e pelos meus colegas da escola, Acho que a melhor forma que a família deve fazer é ajudar a entender o filho nos seus problemas.

M analisando os seus problemas relata que o maior problema de uma criança com dificuldades leitura é “que enquanto milhares de outras estão avançando, ela se sente atrasada”.

A intervenção tem que ser feita na família, na escola e no próprio sujeito o que possibilita a percepção da criança que ela está conseguindo superar os obstáculos, principalmente quando ela começa a ler pequenos trechos, sente-se vitoriosa o que afeta diretamente o seu auto julgamento.

Para JS, pai de um aluno disléxico a intervenção junto ao sujeito que pode ser realizada pela família é “estar acompanhando seu desenvolvimento escolar, ajudando-o e mostrando os acertos, ajuda no processo”.

7.8 Intervenções no sujeito disléxico

A intervenção para tratamento da dislexia normalmente é realizada no sujeito porque é no sujeito que se percebe os sintomas, é o disléxico que apresenta as dificuldades de aprendizagem, é ele que reduz sua motivação para aprendizagem, é ele que perde o foco nos estudos como consequência dos obstáculos causados pela dislexia.

As instituições que trabalham com crianças disléxicas, desenvolvem um programa focado no sujeito buscando estimular pedagógica e psicopedagogicamente o sujeito, para fortalecer seus pontos fortes e minimizar os obstáculos que enfrenta, paralelamente às intervenções na escola e na família o processo se transforma em um programa com enfoques amplos buscando resultados efetivos na melhora do processo de aprendizagem do disléxico.

O CEAME, sendo um órgão municipal, com apoio estadual, no trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem de todos os tipos, tem como clientes entre outras síndromes, crianças disléxicas de várias idades.

VL, psicopedagoga atuante do CEAME, relata que a atuação sobre o sujeito é intensa com um programa de intervenção multiprofissional, contando com a participação de

psicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos. O Centro possui salas especiais específicas de acordo com a intervenção profissional que se fizer necessária.

VDF também psicopedagoga do CEAME relata que “A intervenção na área da dislexia, envolve um trabalho com a criança, um trabalho com a família e um trabalho com a escola”.

Para NS, fonoaudióloga, a atuação do profissional do CEAME enquanto fonoaudiólogo “envolve atuar no esclarecimento da criança sobre o problema dela, essa estimulação continua dentro do tempo da criança, leva-a a perceber seu problema de aprendizagem, o seu entendimento de que não é incapaz e sim que é diferente, daí o processo de intervenção começa a surtir efeito”.

O trabalho com o disléxico é lento, contínuo e por um longo prazo, envolve técnicas de estimulação fonológica, estimulação da autoestima, compreensão da sua condição de disléxico e motivação para o trabalho.

Falando da intervenção sobre o sujeito disléxico, VDF, se expressa da seguinte forma:

Eu vejo que existe um longo tempo, para trabalhar com essa criança, não é de um dia para o outro que ele vai se adaptar ao problema que ela tem, que ela vai entender o problema que tem realmente. Penso que se ela entender os sons dos fonemas, ela vai aos poucos formando sílabas, palavras, palavras maiores, eu sinto que comigo é um processo longo. Vai melhorando aos poucos.

“Uma intervenção a meu ver é orientá-la, explicar o que tem, levantar a estima para que ela possa ter um real entendimento de que com estimulação adequada ela poderá superar suas dificuldades” (VDF).

As intervenções são individuais e variam de sujeito para sujeito depende do grau de dificuldade, do tempo que enfrenta os obstáculos, da sua formação cultural, familiar escolar etc. para VDF, algumas crianças com dislexia, “são mais recolhidas para dentro; outras são mais espontâneas mais espertas, argumentam mais, porém a forma como ela é tratada na escola e na família tem grande importância”.

No caso de crianças na fase da adolescência o efeito da dislexia já se instalou de forma mais profunda, o reflexo na sua autoestima é muitas vezes profundo, o trabalho de informação e conscientização sobre a dislexia é fundamental ser feito no início da intervenção.

Os comentários de VDF refletem esta situação, quando afirma que: “Principalmente isso ocorre com adolescentes, sentem-se mais seguros por entenderem, que não é um problema seu de incapacidade, e sim um transtorno que pode ser melhorado e corrigido, reduzindo fortemente a depressão e a vergonha de si”.

Uma estratégia relativamente simples é a constatar motivação e o diálogo afetivo no processo de estimulação através da mostra dos resultados que são alcançados.

Eu percebo que estou conseguindo levantar um pouco a auto estima porque a cada evolução da criança eu sempre digo “parabéns”, você está muito bem, você está ótimo, vamos aprender mais. Eu vejo que os meninos, vão notando que eles não são aquilo que eles escutam, *que eles tem capacidade de ler, escrever*, fazer as contas de matemática, todas as condições (grifo nosso) (VDF).

O resultado do processo de intervenção é visto quando a criança em atendimento consegue visualizar pequenos sucessos como por exemplo, escrever o próprio nome, VDF ao perceber essas pequenas vitórias, utiliza isto, como potencializador do próximo passo. “estimulo o processo mostrando que ela consegue” para o sujeito disléxico “essas pequenas vitórias quando mostradas e conscientizadas pela criança influenciam na elevação de sua autoestima”.

NS, falando na metodologia de investigação para o diagnóstico da dislexia ressalta que: “Primeiro se todas as crianças fossem trabalhadas desde cedo, e fossemos investigar, a gente detectaria qualquer problema, o que seria uma intervenção precoce, para isso existe metodologias que podem detectar precocemente a dislexia”.

A segunda coisa é uma metodologia muito fácil é quase um segredo, porém hoje é possível, é a inteligência linguística. A inteligência linguística envolve dois aspectos o primeiro é a consciência fonológica e o segundo é a memória de curta duração.

Se fizermos com nossas crianças brincadeiras com rimas, sons que combinam como “ão” ou outros sufixos, verifica-se que em um grupo de crianças algumas não conseguem entender. A repetição continua da brincadeira de rima, vai fazendo uma peneira que irá identificar aquela que tem um sintoma típico da dislexia que é a interpretação fonológica (NS).

O aspecto de falhas da interpretação fonológica e a memória de curto prazo estão no centro dos sintomas da dislexia, para NS, fonoaudióloga com grande experiência em lidar com crianças disléxicas, “O uso de rimas é fácil e eficaz para identificar precocemente os sintomas da dislexia. Não perceber o som “ão” que é típico de nossa língua está relacionado à inteligência linguística”.

Desta forma para NS, “Trabalhar a consciência fonológica se refere a um método de intervenção eficaz na dislexia”. Enquanto que o outro aspecto da inteligência linguística, “envolve a memória de curta duração que se caracteriza pela não percepção do som dos fonemas” (NS).

“Aqui no CEAME trabalhamos a intervenção de acordo com o problema que aparecer seja consciência fonológica ou memória de curta duração” (NS).

8 DISCUSSÃO

As características da dislexia encontradas no estudo de campo corroboram os dados obtidos no estudo teórico uma vez que identificou as dificuldades de leitura relacionada à baixa decodificação fonológica (CARDOSO, GERMANO. PINHEIRO 2009; SHAYWITZ, 2006).

Ficou também caracterizada a influência na auto estima do sujeito disléxico o fato de vivenciar obstáculos para a aprendizagem da leitura e não saber como lidar com isso levando-o à construção de valores negativos a seu respeito quanto à sua capacidade de aprender.

O quadro preocupante que os dados da pesquisa demonstram está relacionado à baixa qualificação dos professores nos conhecimentos necessários para intervir no quadro apresentado pelo aluno disléxico, esse fato é o causador da demora do diagnóstico da dislexia, uma vez que os alunos que não aprendem a leitura são reprovados ou colocados em atividades de recuperação que na maioria das vezes não resulta em sucesso.

Fica claro a necessidade de uma intervenção em três aspectos para um sucesso junto ao processo de aprendizagem de um sujeito disléxico:

- a) Atuação a nível pedagógico junto ao professor do disléxico na orientação da aplicação de metodologias de estimulação adequadas;
- b) Atuação a nível de orientação junto à família do disléxico quanto aos procedimentos de apoio e ajuda necessários;
- c) Atuação junto ao sujeito disléxico com a utilização de técnicas de estimulação fonológica e elevação da autoestima.

CONCLUSÃO

O presente trabalho investigou a influência causada no dislético, dos obstáculos que enfrenta para a aprendizagem da leitura da língua, nos aspectos escolares, familiares e pessoal. Buscou identificar, através de levantamento bibliográfico junto aos principais teóricos que investigaram a dislexia e seus efeitos, bem como através de uma pesquisa de campo que envolveu investigar a percepção de vários sujeitos que lidam com disléticos no seu dia a dia. Foram investigados: Fonoaudióloga, Psicopedagogas, Professores, pai de um dislético e sujeitos que vivem com o transtorno da dislexia.

Dependendo do apoio que o sujeito dislético tiver para enfrentar os obstáculos à leitura, que enfrenta a partir do início da alfabetização escolar, o mesmo poderá desenvolver fortes sentimento depreciativos, reduzindo a sua auto avaliação quanto às suas capacidades, levando-o a construir uma imagem deformada, estereotipada de incapacidade pessoal.

Os efeitos, são potencializados pelo convívio escolar com professores despreparados para lidar com o transtorno da dislexia, e pelo convívio familiar, quando a família não tem as devidas informações sobre o problema do filho, e não sabe como ajudá-lo.

Por outro lado, quando a escola e a família do dislético, tem professores orientados, apoiados por profissionais especializados no tratamento da dislexia, como fonoaudiólogos, psicopedagogos ou psicólogos da área escolar, o atendimento do dislético na escola, se processa de forma a possibilitar, o apoio e orientações adequadas ao seu processo de aprendizagem.

A teoria do duplo canal, foi utilizada para explicar como ocorre o processo de aprendizagem da leitura, e com isso, identificar os processos de aprendizagem deficitários do dislético. Ficou esclarecido, que o que ocorre na aprendizagem do dislético, é uma não decodificação do código fonológico, o que envolve a consciência fonológica e a memória de curta duração.

As causas das dificuldades de decodificação fonológica, se situam no sistema nervoso, em áreas particulares do cérebro, responsáveis pela interpretação fonológica. O estudo mostrou que nos cérebros de sujeitos disléticos, há uma sub ativação dos sistemas neurais na parte posterior do cérebro, na região occipitotemporal, responsável pela forma das palavras e parietotemporal, responsável pela análise das palavras, áreas essas constantemente ativadas em bons leitores.

O dislético, em razão da sub ativação das áreas posteriores do cérebro, concentra o uso fortemente da área frontal esquerda, chamada, de área de broca, responsável pela articulação e análise das palavras, área que é usada pelos sujeitos em fase inicial da aprendizagem da leitura.

O fato é que as crianças normais, tão logo evoluem na aprendizagem da leitura, passam a usar prevalentemente, as áreas posteriores do cérebro que processam a leitura de forma mais rápida em razão de serem áreas que conservam as palavras já aprendidas.

Os disléticos, em razão de seu distúrbio, não contam de forma efetiva, com essas áreas para processarem as palavras, e necessitam usar de forma continua, a área de broca e outras regiões frontais não tão eficazes, tendo que realizar sempre um grande esforço, na tentativa de aprender a ler.

Ficou claro, que todo este esforço ao longo do tempo escolar, a comparação que o sujeito dislético faz com colegas que não tem o mesmo problema, afetam a sua autoestima, reduzindo a sua motivação para o estudo, situação essa que fica ainda mais prejudicada, quando o sujeito não tem a atenção do professor ou da família cujas ações são muitas vezes discriminatórias.

REFERENCIAS

AJURIAGUERRA, J. **A escrita infantil**: evolução e dificuldade. Trad. De Iria Maria. R. de Castro Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ALMEIDA, Geraldo Peçonha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**: método fônico para tratamento/Geraldo Peçonha de Almeida - Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.

ANDRADE, Maria Lucia. **Distúrbios Psicomotores**: uma visão crítica. São Paulo: EPU, 1984.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BORGES, Cristina Ferraz. **Processamento temporal auditivo em crianças com transtorno de leitura**. Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

BRAGA, Sabrina Gasparetti. **Dislexia**: a produção do diagnóstico e seus efeitos no processo de escolarização. Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

CAPELLINI, Simone Aparecida; CONRADO, Talita; CAPANO Laura Braz. **Desempenho de escolares com e sem dificuldades de aprendizagem de ensino particular em habilidade fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11s2/224-07.pdf> acesso em 25 02 2012.

CAPOVILLA, A. G. S. & CAPOVILLA, F. C. **Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio econômico**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000.

DIAS, Natalia Martins. **Alfabetização Fônica Computadorizada**: usando o computador para desenvolver habilidades fônicas e metafonológicas. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) • Volume 10 Número 1 Janeiro/Junho 2006.

DRAGONE, Giovana. **O Panorama histórico da Dislexia**. UNICAMP Disponível http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=6945 acesso em 4/8/13.

FAGUNDES, Liliana Maria Rosa. **O sentido da letra**: leitura, dislexia, afetos e aprendizagem. Porto Alegre: Edições EST, 2002.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. Venezuela. São Paulo. 1992.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GERMANO, Giseli Donadon; PINHEIRO, Fábio Henrique; CARDOSO, Ana Claudia Vieira; et al. **Relação entre achados em neuroimagem, habilidades auditivas e metafonológicas em escolares com dislexia do desenvolvimento**. In Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v14n3/v14n3a06.pdf>. Acesso em 25 02 2012.

GOMES, Adila Daina; MORAIS, Eldeniza Maria; SANTANA, Graziela Carneiro, et al. **Contribuições para uma melhor identificação da dislexia no ambiente escolar**. 2009. Disponível em: <file:///G:/ABPphistorico%20da%20dislexia.htm> Acesso em 8/8/13.

JACOB, Jorge W. S. **Discurso na Associação Brasileira de Dislexia**. 2012. Disponível em http://dislexia.netpoint.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=348:discurso-do-sr-jorge-w-s-jacob-fundador-e-primeiro-presidente-da-associacao-brasileira-de-dislexia-outubro-2012&catid=32:institucionais&Itemid=88. Acesso em 4/08/2013.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A Construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MACHADO, Andrea Carla. **Tutoria instrucional centrada na leitura de livros em escolares com distúrbio de aprendizagem e dislexia do desenvolvimento**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2009.

OLIVEIRA, Ana Caroline. **A importância do lúdico na superação das dificuldades de aprendizagem**: um olhar psicopedagógico in REBES - Revista Brasileira de Educação e Saúde, v. 2, n.1, p. 1-7, jan.- dez., 2012. Disponível em <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistapsicologia/sumario/14/06122010140000.pdf> Acesso em 04/08/2013.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PEREIRA, Glaucia. **Alfabetização lúdica**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2005.

PUENTE, Aníbal; JIMÉNEZ, Virginia; ARDILA, Alfredo. **Anormalidades cerebrales em sujeitos disléxicos** in Revista Latino-americana de Psicologia | Volumem 41 | Nº 1 | p. 27-45 | 2009.

SALLES, Jerusa Magali; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. **Heterogeneidade nas estratégias de leitura/escrita em crianças com dificuldades de leitura e escrita**. In Revista

PSICO, Volume 37, jan./abril, 2006. Disponível em :
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1415/1114>.
Acesso em 15 de maio de 2012.

SAMPAIO, Maria Nobre, et al. **Eficácia terapêutica no programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento**. Revista CEFAC. 2010. Disponível em <http://capes.gov.br>. Acesso em 22/12/2012.

SANCHEZ-CANO, Manuel; BONALS, Joan; et al. **Avaliação psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a Dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Eliana Manuela Pereira da. **A auto estima em crianças com dislexia**. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett. 2012.

SILVA, José Manuel Jardim da. **Necessidades Educativas Especiais**: Dificuldade de Aprendizagem Específica/Dislexia (NEE/DAE/DISLEXIA) Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa: 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/1484>. Acesso em 31/03/2014.

SILVEIRA, Diana Ortins Cardoso Soares. **Análise da Oculomotricidade e Capacidade de Atenção pelo Teste ADEMD em Casos de Dislexia**. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira interior, Covilhã, 2012. Disponível em:
<https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/1214/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Diana%20Ortins%20Silveira.pdf> Acesso em 4/8/13.

SOUSA, Óscar C. de. **O desafio da Lusofonia**: diversos falares, uma só escrita. Revista Lusófona de Educação, 16 – 2010, 39-46.

SOUSA, Óscar C. de. **Ortografia e Escola**. Revista de Humanidades e Tecnologias. Nº 3 – 1º Semestre In: Sousa, Óscar 2000.

SOUZA FILHO, Antonio Gomes. (Org.) **Manual de apresentação de trabalhos acadêmicos** (Base ABNT). Porto Seguro: FNSL, 2011.

SOUZA, Elizete Cristina. **Atendimento a disléxicos no ensino médio**: em busca de uma política pública. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Brasília- DF, 2008. Disponível em http://www.bdt.d.uec.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=812.. Acesso em: 4/08/2014.

SOZIM, Mirian Martins; DALLAROSA, Andréia Rodrigues Zoelner; MARINHO, et al. **Alfabetização e letramento** – uma possibilidade de intervenção. Disponível em <http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao04/08.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2012.

TITONI, Catia Silene da Silveira. **Dislexia na Educação Escolar**: técnicas e metodologias para trabalhar com aluno disléxico. Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39540/000823342.pdf> Acesso em 4/8/13.

UNESP – **Inclusão**. Disponível em: <http://www.nec.prudente.unesp.br/inclusao/dados/disturbios.doc>. Acesso em 24/03/2013.

VALE, Ana Paula; SUCENA, Ana; VIANA, Fernanda. **Prevalência da Dislexia entre Crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico falantes do Português Europeu** in Revista Lusófona de Educação, 2011, p. 45-56. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2562/1986> acesso em 15 de maio de 2012.

VALETT, R. E. **Dislexia**: uma abordagem neuropsicológica para a educação de crianças com graves desordens de leitura. São Paulo: Manole, 1989.

VALLET, R. E. **Tratamento de distúrbios de aprendizagem**: manual de Programa psicoeducacionais. São Paulo: E. P. U., 1990.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica**: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Medicas, 1987.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A – Guia de Entrevista aos professores Psicopedagogo e Fonoaudióloga;

Apêndice B - Guia de Entrevista aos pais de disléxicos;

Apêndice C - Guia de Entrevista aos alunos disléxicos;

Apêndice D – Entrevista da Professora;

Apêndice E - Entrevista da Psicopedagoga V. D. F.;

Apêndice F - Entrevista da Fonoaudióloga N. S.;

Apêndice G - Entrevista do Pai de uma criança disléxica;

Apêndice H - Entrevista do paciente J C - 10 anos;

Apêndice I - Entrevista do paciente M – 13 anos

Apendice A - Guia de Entrevista aos professores, psicopedagogos e Fonoaudióloga

Tema: Dislexia e leitura

Objetivo Geral:

Compreender como é que os professores e fonoaudiólogo entendem a dislexia e seus efeitos no processo de aprendizagem da leitura e na autoestima do aluno.

Bloco	Objetivos específicos	Perguntas
A Formação e Motivação para lidar com crianças disléxicas	Conhecer a formação do entrevistado e seu processo histórico que o levou a atual prática na lide com crianças disléxicas	Fale-me a respeito de sua carreira profissional, formação e interesse por crianças disléxicas.
B Atitudes na atuação com crianças disléxicas	- Conhecer a experiência do entrevistado nas intervenções pedagógicas com crianças disléxicas - Identificar a percepção do entrevistado sobre como os professores lidam com crianças que apresentam o transtorno da dislexia na escola	Qual a sua experiência no ensino e intervenção no atendimento de crianças disléxicas Como avalia a preparação dos professores com quais convive, para lidar com disléxicos?
C Dificuldades na atuação com crianças disléxicas	- Conhecer as características das dificuldades apresentadas pelo disléxico no processo de aprendizagem da leitura - Conhecer a percepção do entrevistado sobre as dificuldades que os professores enfrentam na atuação escolar com crianças disléxicas	Quais as dificuldades que o disléxico apresenta no processo de aprendizagem? Quais as principais dificuldades que os professores enfrentam no ensino de crianças disléxicas?
D Influência da família nos efeitos da dislexia	Conhecer a opinião do entrevistado sobre o papel da família no processo de aprendizagem de uma criança disléxica	Na sua opinião qual deve ser a atuação da família do disléxico que possa contribuir com a sua aprendizagem?
E Estratégias pedagógicas no atendimento de crianças disléxicas	- Conhecer as práticas pedagógicas do entrevistado na atuação com crianças disléxicas quanto ao processo de aprendizagem da leitura - Identificar a opinião do entrevistado sobre as melhores formas de atuar como metodologia de aprendizagem de leitura para disléxicos	Quais as técnicas pedagógicas são eficazes, segundo a sua experiência, no ensino da leitura para disléxicos?

F Influencia da dislexia na autoestima de crianças disléxicas	• Conhecer a opinião do entrevistado sobre as influencias que os obstáculos apresentados pela dislexia geram na formação dos valores pessoais da criança disléxica • Conhecer a opinião do entrevistado sobre como atuar junto ao disléxico visando minimizar o efeito da dislexia em seus valores pessoais	De que forma a dislexia influencia a autoestima do disléxico?
---	---	--

Apendice B - Guia de Entrevista aos pais de disléxicos

Tema: Dislexia e leitura

Objetivo Geral:

Compreender como é que os pais de crianças disléxicas entendem a dislexia e seus efeitos no processo de aprendizagem da leitura e na autoestima dos filhos.

Bloco	Objetivos específicos	Perguntas
G Atitudes frente à dislexia	Conhecer a atitude do entrevistado em relação a dislexia	Quais são as suas atitudes em relação à dislexia do seu filho?
H Dificuldades geradas pela dislexia	- Conhecer a opinião do entrevistado sobre quais os obstáculos que ele percebe, no sujeito disléxico na área da aprendizagem - Conhecer os obstáculos de cunho social gerados pela dislexia na relação do sujeito disléxico e seus colegas de escola - Conhecer as características das dificuldades apresentadas pelo disléxico no processo de aprendizagem da leitura	Qual a sua percepção dos obstáculos causados pela dislexia no processo de aprendizagem do seu filho? O comportamento social do seu filho é influenciado pela dislexia?
I Influência da família nos efeitos da dislexia	Conhecer a opinião do entrevistado sobre o papel da família no processo de aprendizagem de uma criança disléxica	Qual o papel da família quanto a atuação junto ao filho disléxico que possa contribuir para a superação dos obstáculos à aprendizagem causados pela dislexia?
J Influência da dislexia na autoestima de crianças disléxicas	- Conhecer a opinião do entrevistado sobre as influências que os obstáculos apresentados pela dislexia geram na formação dos valores pessoais da criança disléxica - Conhecer a opinião do entrevistado sobre como atuar junto ao disléxico visando minimizar o efeito da dislexia em seus valores pessoais	Que percepção tem dos efeitos da dislexia na formação da autoestima do seu filho? Como você atua junto ao seu filho para ajudá-lo a compreender os sintomas da dislexia e combater os efeitos negativos na formação da autoestima?

Apendice C - Guia de Entrevista aos alunos disléxicos

Tema: Dislexia e leitura

Objetivo Geral:

Compreender como é que as crianças disléxicas entendem a dislexia e seus efeitos no processo de aprendizagem da leitura e na sua autoestima.

Bloco	Objetivos específicos	Perguntas
K Atitudes frente à dislexia	Conhecer a atitude do entrevistado em relação a dislexia.	Que a avaliação faz das dificuldades que enfrenta causadas pela dislexia?
L Dificuldades geradas pela dislexia	- Conhecer a opinião do entrevistado sobre quais os obstáculos que ele percebe, no seu processo de aprendizagem; - Conhecer os obstáculos de cunho social gerados pela dislexia na relação do sujeito disléxico e seus colegas de escola; - Conhecer as características das dificuldades apresentadas pelo disléxico no processo de aprendizagem da leitura.	Cite as principais dificuldades que enfrenta no processo de aprendizagem escolar relativos à leitura? Como se sente no relacionamento com colegas e amigos?
M Influencia da família nos efeitos da dislexia	Conhecer a opinião do entrevistado sobre o papel da sua família no seu processo de aprendizagem.	Quais as atitudes de sua família frente às dificuldades que enfrenta na aprendizagem escolar?
N Influencia da dislexia na autoestima de crianças disléxicas	- Conhecer a opinião do entrevistado sobre as influencias que os obstáculos apresentados pela dislexia geram na sua auto avaliação; - Conhecer a opinião do entrevistado sobre quais as atitudes dos pais e professores poderiam ajuda-lo a minimizar o efeito da dislexia em seus valores pessoais	Como se auto avalia como pessoa, como se sente em relação às suas dificuldades causadas pela dislexia? Como gostaria que fossem as atitudes dos pais e professores em relação às dificuldades que enfrenta?

Apêndice D - Entrevista da professora V.L. - Pedagoga e psicopedagoga

Fale-me a respeito de sua carreira profissional, formação e interesse por crianças disléxicas. Qual a sua experiência no ensino e intervenção no atendimento de crianças disléxicas. Teve alguma preparação específica?

Minha formação inicial é pedagogia e fiz alguns cursos de especialização na área educacional. Posteriormente após iniciar atendimento com crianças especiais fiz pós graduação em educação especial, inclusão e curso de libras e neuropsicologia Na época do mestrado comecei a fazer uma pesquisa com crianças que trabalham. Trabalhava nessa época numa escola e comecei a me inquietar com crianças que tinham muita dificuldade mesmo depois de quatro anos ainda estarem semalfabetizadas,

Essas crianças iam trabalhar depois da escola, seja nas praias ou barracas no atendimento de turistas, vendendo alguma coisa em um tipo de sub emprego. Essas crianças chegavam em casa muito tarde e não tinham condições físicas de fazerem as atividades escolares, chegavam na escola no outro dia muito cansadas e não tinham condições de prestar atenção nas aulas.

Comecei a verificar com os professores de que forma eles viam essa situação. Nessa época surgiu o CEAME, fui convidada para iniciar o atendimento de crianças especiais. Estava no ano 2000 e já estavam começando a serem montadas as salas especiais nas escolas e a Professora Nilza (Secretária de Educação do Município de Porto Seguro) me convidou a integrar uma equipe que iria trabalhar na questão da educação especial, como ninguém na secretaria de educação queria esse trabalho, eu achei que não tinha a preparação necessária, porém a prof. Nilza insistiu e me falou que daria todo o apoio necessário para iniciar o trabalho. Começamos então a montar trabalho, e montar o centro de atendimento com a cara e a coragem. Ela disponibilizou pessoal como: psicólogo, professores, local para funcionar. Começaram a chegar os encaminhados das escolas, nós fazíamos visitas as escolas divulgando o núcleo de atendimento de crianças especiais. Foram feitas visitas em Porto Seguro, Arraial D'Ajuda e Trancoso, foram feitos estágios em Salvador. Foi feito um projeto pelo FNDE e de lá para cá estamos estudando muito, buscando aprimorar a equipe e as intervenções do CEAME em Porto Seguro.

Sempre tive a preocupação de tornar o centro oficial, pois como as instalações não eram oficiais, uma mudança de governo no município poderia inviabilizar a continuação do funcionamento da instituição. Quando os projetos foram aprovados pelo FNDE, o centro passou a ser financiado pelo FNDE, com verba federal e deixou de ser apoiado apenas pelo município.

Após esses fatos e com o apoio do secretário de Educação da época, tivemos um espaço alugado e a equipe ampliada. A ampliação do atendimento provocou mudanças junto às famílias da criança especial que passaram a acreditar que uma criança com problemas de aprendizagem pode aprender com ajuda especializada.

Posteriormente tivemos o apoio do MEC que nos enviou salas multifuncionais, que foram montadas em várias escolas inclusive indígenas.

As salas multifuncionais tem metodologias para trabalhar com dificuldades de leitura. Essas salas multifuncionais envolvem materiais que serão usados por psicólogos, pedagogos e psicopedagogos para atuarem em vários tipos de transtornos e dificuldades.

O público do CEAME é misto, envolve crianças de todos os tipos de ocorrências, dificuldades de leitura gerados pela dislexia, dificuldades de locomoção como o cadeirante, crianças com dificuldade visual e crianças surdas, além daqueles com problemas de deficiência mental e déficit intelectual e o TDAH.

Daí, a maior parte das intervenções envolvem outros problemas e não apenas problemas de aprendizagem de leitura.

Quais as influencias das dificuldades dessas crianças no processo de aprendizagem?

Observa-se três principais influencias: 1º Como a escola vê a criança, 2º como a criança se vê e 3º como a família vê a criança.

A família de uma forma geral não está pronta para lidar com a dificuldade de aprendizagem da criança, dessa forma necessita de atuação especializada para prepara-la para lidar com a criança com dificuldades de aprendizagem.

A escola não tem conhecimento para atuar nesse nível de problema de aprendizagem, normalmente percebe a dificuldade do aluno e a diagnostica de maneira equivocada principalmente pela não preparação dos professores para lidar com esse tipo de problema, pela não preparação para atuar com a inclusão escolar.

O reflexo em muitos casos é danoso para o aluno, há casos que ocorrem principalmente com adolescentes que entram em depressão, por não conseguirem aprender, não saberem porque não aprendem e por não terem a ajuda que necessitam dos professores.

Ninguém explica para eles o seu problema, ninguém orienta um, processo para superar suas dificuldades, como ele fica incapaz de resolver o problema de sua aprendizagem, entra em processo de frustração com reflexo na baixa estima e outros problemas de ordem psicológicos.

Quais as técnicas pedagógicas são eficazes, segundo a sua experiência, no ensino da leitura para disléxicos? Há alguma estratégia que tem sido bem sucedida?

A atuação dos profissionais junto a esses alunos envolve explicar a ele o que está acontecendo, envolve informa-lo que com uma metodologia certa ele pode superar a barreira da aprendizagem, A intervenção mostra os lados positivos do aluno, os aspectos em que consegue avançar, valorizando o positivo.

Em relação às políticas públicas no Brasil, a orientação é que devem se atender pessoas com deficiências. A dislexia não é tratada como um deficiência específica. Ela está inclusa no transtorno global de aprendizagem que envolve um conjunto de transtornos.

A criança disléxica muitas vezes não é encaminhada para atendimento especializado por não incluir características dos transtornos básicos.

A criança que chega ao CEAME, já chega quando a situação está grave, chega com problemas emocionais, com depressão. Não chegam crianças com problemas de apenas aprendizagem e sim com problemas gerais. Desta forma a dislexia por ser um problema de aprendizagem não é enfatizada e sim tratada entre outros transtornos.

Comparada com outros países onde a dislexia é mais enfatizada como fica o Brasil?

Há diferenças entre países, nos EUA o nível de aceitação é baixo, não se tratam crianças com problemas mais acentuados.

No Brasil as políticas públicas ainda não são abrangentes, não há uma preocupação centrada apenas na Dislexia e sim nos vários problemas que afetam as crianças que necessitam de inclusão

Há uma grande dificuldade do diagnóstico da dislexia pois necessita-se de uma equipe multiprofissional. A escola necessita de um laudo para poder agir e atuar e isso ainda é muito deficitário.

Há uma preocupação em se imitar laudos porque a visão da escola ao receber um laudo de um aluno, o discrimina ainda mais, como se aquele aluno vá permanecer pelo resto da vida com aquele transtorno, piorando a sua inclusão.

Há entretanto a necessidade de um documento seja do psicólogo, do psicopedagogo ou fonoaudiólogo ou pedagogo para orientar a atuação da escola, principalmente para o educador alfabetizador.

Como avalia a ausência de preparação dos professores com os quais convive, para lidar com disléxicos? Quais as dificuldades que o disléxico apresenta no processo de aprendizagem? Quais as principais dificuldades que os professores enfrentam no ensino de crianças disléxicas? Tem alguma estratégia para enfrentar essa dificuldade?

Tem muito educador que tenta ensinar a criança com deficiência de aprendizagem no mesmo nível das crianças que não possuem transtorno, dificultando ainda mais a aprendizagem desta criança.

Quando o aluno com dificuldades é bem acompanhado, cuidado, orientado, o mesmo consegue aprender e a se desenvolver. As estimulações em sala de aula como lateralidade, localização espacial melhoram a aprendizagem.

Falta pois na nossa educação infantil, melhorar a base para que as crianças cheguem ao fundamental com menos dificuldades.

Na sua opinião como pode a família do disléxico contribuir para o sucesso pessoal e escolar.

A nossa realidade é família não letrada, se a gente falar que a família precisa ajudar, acompanhar e estimular a tarefa, estaríamos falando uma utopia em termos de inclusão. Então é falar assim, o que fazer para o aluno quando a família não tem como educar? De qualquer forma essa família precisa ser informada, precisa ser orientada, precisa ser dito para não comparar com outro irmão que não tem a mesma limitação.

As famílias em primeiro lugar precisam de informação, o ideal é que a mãe comece a aprender e possa ajudar o filho. Precisa-se de uma política pública de aprendizagem dessas famílias, se a mãe não estudou, ela fica sem poder atuar e ajudar no processo do filho.

Um dos aspectos da intervenção é orientar a família para que valorize as atuações do filho, apoie-o nos seus acertos e não evidencie os seus erros.

Família - Sobre a atuação na família eu vejo que ainda é muito fraca, pois atualmente o enfoque é de orientação sobre não faça isso, não compare etc...

Sujeito – em relação ao sujeito a nossa atuação é bem intensa, é feito um trabalho com o psicopedagogo, com o psicólogo. Existem locais específicos preparados para esse atendimento no CEAME.

Escola – Para a escola é orientado que o aluno necessita de uma mudança de olhar.

Acha que a dislexia influencia também a autoestima do disléxico? Porque o diz?

Temos retorno da mãe que a criança melhorou na escola. A escola retorna dizendo que melhorou o comportamento. Ocorre uma mudança de olhar da professora sobre o sujeito, percebe-se no sujeito que ele reduz o medo, sente-se mais seguro, não fica mais cabisbaixo, envergonhado das suas dificuldades.

Principalmente isso ocorre com adolescentes, sentem-se mais seguros por entenderem que não é um problema seu de incapacidade e sim um transtorno que pode ser melhorado e corrigido, reduzindo fortemente a depressão e a vergonha de si.

Apendice E - Entrevista da Psicopedagoga V. D. F. - Professora e psicopedagoga

Fale-me a respeito de sua carreira profissional, formação e interesse por crianças disléxicas. Qual a sua experiência no ensino e intervenção no atendimento de crianças disléxicas. Teve alguma preparação específica?

Sou graduada em Letras e Psicopedagogia Institucional e clinica procurei atuar com atendimento com crianças com dificuldades de aprendizagem em razão do tempo em que trabalhei com crianças em sala de aula.

Eu observava muito as crianças e os colegas me chamavam muito a atenção assim: V. porque será que aquele menino não quer nada? Porque será que aquele menino fica naquele canto e não sabe nada? a gente está conversando explicando alguma coisa e parece que eles estão em outro planeta, essas coisas foram me inquietando.

Então eu descobri a psicopedagogia e busquei essas respostas, foi quando eu fui fazer o curso e me apaixonei; realmente encontro respostas para muita coisa que eu via em sala de aula durante 10 anos, e depois que eu fiz psicopedagogia eu fiquei um ano ainda em sala de aula, mas ai eu falei com a Coordenadora do CEAME, ela estava precisando de uma psicopedagoga para o CEAME, e aqui estou já há três anos, trabalhando com a psicopedagogia.

Atuo principalmente na área da deficiência intelectual, entre outras o distúrbio da dislexia.

Busco identificar porque essa criança não consegue aprender, qual foi o motivo que levou ela lá atrás, houve algum problema familiar? Ocorreu algo com a criança? Doença, alguma coisa, principalmente eu pergunto muito sobre o espaço das coisas deles que tem relação com a sua dificuldade.

A própria família, quando os pais vem conversar, as famílias são muito humildes, muitos nem sabem ler, então já vejo que essa criança não tem nenhuma ajuda fora da escola. As vezes o pai ou a mãe tentam mas não conseguem ajudar o filho nas suas tarefas, nem em atividades escritas nem em matemática.

Como avalia a ausência de preparação dos professores com os quais convive, para lidar com disléxicos? Quais as principais dificuldades que os professores enfrentam no ensino de crianças disléxicas? Tem alguma estratégia para enfrentar essa dificuldade?

Na escola ocorre muita discriminação muitos professores os chamam de burros, que não querem nada, não sei o que mais, colocam a queixa como dificuldade de aprendizagem e falta

de interesse quando na verdade trata-se de um distúrbio que não depende da vontade do aluno como é o caso da dislexia.

A falta de conhecimento do professor é percebida e isso torna mais difícil para a criança que não tem quem a ajude. As crianças que são enviadas ao CEAME na maioria dos casos estão nessa situação. As dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita podem ser relacionadas à dislexia ou outros fatores.

Aqui em Porto seguro quando o professor percebe que a criança tem problemas, ele a envia para cá, porque o professor não está preparado para atuar com problemas de aprendizagem. Qualquer dificuldade da escola é motivo para enviar a criança para o CEAME.

Os professores não sabem lidar com crianças com algum comportamento diferente.

Tenho feito um trabalho com os professores das salas especiais das várias escolas visando buscar soluções para esses problemas.

Quando eu atendo uma criança eu envio um relatório para a escola. Normalmente essa criança é atendida na Escola. Eu não sei o que a escola faz com o relatório, eu vejo a questão como um despreparo dos professores na atuação paralela do atendimento do psicopedagogo aqui do Ceame.

Quais as dificuldades que o disléxico apresenta no processo de aprendizagem?

Tenho alunos de 18 anos que não sabem escrever, não que eles tenham problemas mentais, ou sejam especiais, são crianças que tiveram déficit de aprendizagem lá atrás.

Na minha opinião eu vejo dessa maneira, então na anamnese, nessas coisas todas eu procuro conversar muito com os pais, depois eu chamo as crianças e descubro que na maioria eles não sabem porque não conseguem aprender, as vezes não tiveram uma alfabetização correta, ou no caso do disléxico nunca ninguém percebeu se era ou não, então a criança se torna um problema para o professor em sala de aula.

Sempre que suspeito de dislexia eu envio a criança para a avaliação da fonoaudióloga que estabelece um diagnóstico confirmando ou não a dislexia.

Após o diagnóstico eu reúno com outros profissionais para estudar o caso e decidir a intervenção necessária. Começo então a trabalhar com essa criança, solicito aos pais para providenciarem uma avaliação neurológica e com neuropediatra.

Identifico o nível de conhecimento e dificuldade da criança, normalmente as crianças não sabem nada, não conhecem as diferenças de quantidades, letras sons fonéticos etc.

As vezes eu tenho dúvidas se realmente se trata de dislexia ou se é uma dificuldade que ele tem do passado e que não foi corrigida. O processo de atuação se caracteriza pela estimulação, e compreensão dos sons dos fonemas.

Acha que a dislexia influencia também a autoestima do disléxico? Porque o diz?

Ele fica eu vejo que realmente com baixa estima, a baixa estima é muito grande, porque ele não sabe o que está acontecendo com ele a família também não sabe, tem muitos pais como já falei muitas vezes que brigam muito com o filho, você não sabe ler, você não sabe escrever, você é burro, isso tudo afeta a criança.

Eu sempre chamo os pais para falar que cada criança tem o seu momento para aprender, alguns aprendem diferente.

Faço uma pesquisa sobre aquela criança, de como os seus pais lidam com ela, eu tenho que saber o que acontece na vida daquela criança para saber como trabalhar, e muitas vezes eu estou conseguindo levantar um pouco a auto estima porque cada evolução da criança eu sempre digo “parabéns”, você está muito bem, você está ótimo, vamos aprender mais.

Eu vejo que os meninos, vão notando que eles não são tudo aquilo que eles escutam, que eles tem capacidade de ler, escrever, fazer as contas de matemática, tudo tem condições.

Na sua opinião como pode a família do disléxico contribuir para o sucesso pessoal e escolar.

É só mostrar o caminho para eles e a família tem que estar junto, essa semana mesmo com relação à dislexia, veio uma mãe, foi a primeira vez que ela veio, eu fiz uma pequena avaliação junto com a criança e a menina estava quieta ela tem 8 anos, eu solicitei que escrevesse alguma palavra, ela não sabe escrever, conhece as letras soltas, mas não sabe juntar as sílabas para formar a palavra.

Eu conversando com a mãe, ela foi explicando para mim que ela sempre foi desde pequena tinha notado, eu perguntei na família da senhora tem alguém que a senhora observou o mesmo sintoma, se demorou aprender a ler. Ela ficou pensando e disse o meu marido, ele até hoje não escreve correto, sempre escreve errado.

Eu disse é possível que a sua filha tenha o mesmo que o pai dela. Eu não posso afirmar mas ela mas ela pode ter dislexia.

A mãe começou a chorar achando que isso era uma doença grave.

O não conhecimento da família é claro, a mãe falou que nunca ouviu falar disso, o que é isso, minha filha é doente? Eu vou ter que fazer tratamento? Eu disse não fique calma, dislexia não é doença, é uma maneira diferente do cérebro trabalhar. A mesma foi se acalmando, entendeu e me abraçou e disse que lamentava não ter vindo aqui antes.

Todo mundo da família critica a criança, veja o emocional da criança só pode ser afetado, com toda essa pressão. Ela acha que o problema é sério, ela pensa será que eu sou burra mesmo? Será que estou doente?

Uma intervenção a meu ver é orienta-la, explicar o que tem, levantar a estima para que ela possa ter um real entendimento de que com estimulação adequada ela poderá superar suas dificuldades.

Veja que a criança com dislexia são mais recolhidas para dentro; outras são mais espontâneas mais espertas, argumentam mais, porém a forma como ela é tratada na escola e na família tem grande importância.

Quais as técnicas pedagógicas são eficazes, segundo a sua experiência, no ensino da leitura para disléxicos? Há alguma estratégia que tem sido bem sucedida?

A intervenção na área da dislexia, envolve um trabalho com a criança, um trabalho com a família e um trabalho com a escola.

Olha como eu lhe disse, eu não sou especialista, eu vejo que existe um longo tempo para trabalhar com essa criança, não é de um dia para o outro que ele vai se adaptar ao problema que ela tem, que ela vai entender o problema que ele tem realmente.

Penso que se ela entender os sons dos fonemas ela vai aos poucos formando sílabas, palavras, palavras maiores, eu sinto que comigo é um processo longo. Vai melhorando aos poucos.

Percebo que quando ela consegue sozinha, escrever o próprio nome, sente-se muito bem. E eu estimo o processo mostrando que ela consegue dessa forma entender que essas pequenas vitórias quando mostradas e conscientizadas pela criança influencia na elevação de sua autoestima.

Apêndice F - Entrevista da Fonoaudióloga N. S.

Fale-me a respeito de sua carreira profissional, formação e interesse por crianças disléxicas.

A dislexia é muito mais do que se pensa. Eu pretendo sair da educação porém eu gostaria de continuar trabalhando nesses processos de passar o meu conhecimento.

A minha formação foi no Rio de Janeiro, no Instituto de terapia da palavra, que foi uma das primeiras escolas de logopedia como se fala em Portugal.

Eu resolvi fazer logopedia porque tinha interesse pela medicina. Estudei sobre a dislexia adquirida, trabalhei em hospital e me interessei pelo estudo da fonoaudiologia.

Qual a sua experiência no ensino e intervenção no atendimento de crianças disléxicas. Teve alguma preparação específica?

Eu estudei a fonoaudiologia quando ela era muito voltada para a educação. Tanto é que na minha turma a maioria era de educadores.

A clínica no aspecto da fonoaudiologia, estava começando, com uma ênfase muito maior que hoje. Não existia um programa bem definido para a fonoaudiologia, a gente então estudou tudo, o que não foi ruim pelo aprofundamento e ampliação produzida.

Transferi um semestre e quando voltei a Faculdade era a Estácio de Sá que havia comprado o Instituto de terapia da palavra. Como eu gostava da área médica no meu estágio eu peguei um paciente que era um médico que tinha afasia grave em razão de uma cirurgia.

Eu tive que estudar a afasia que era a minha paixão.

Quais as dificuldades que o disléxico apresenta no processo de aprendizagem?

Olha a gente trabalhando vai fazendo cursos e quanto mais trabalha vai aprimorando o conhecimento.

Sem a família fica difícil atuar, e a dislexia envolve muito a família que tenta entender a dificuldade do filho causada pelo transtorno.

A dislexia é detectada na infância, tem adulto que consegue superar, sendo que todos eles que ainda sentem o reflexo da dislexia, na maioria tem vergonha e não assumem a dislexia, porém sofrem até hoje das dificuldades de leitura.

Aqui a gente tem casos de adultos que foram trabalhados sem serem tachados de disléxicos. O termo dislexia de uma forma geral afeta o sujeito fazendo-o julgar-se incapaz, diferente, deficiente.

Na sua opinião como pode a família do disléxico contribuir para o sucesso pessoal e escolar.

O grande problema é que não é só a família que não consegue entender o sujeito disléxico, nós da educação também não sabemos, daí o sujeito disléxico é muito discriminado. Tratam-se de pessoas muito inteligentes, que não entendem porque não conseguem decifrar o código da leitura, enquanto outros sujeitos menos capazes que eles, segundo as próprias observações conseguem.

Esse é um fator preponderante que leva a influenciar o seu auto julgamento, e leva-o a sentir um sofrimento intenso, pois é chamado de burro, hiperativo, incapaz, etc.

As vezes essa discriminação é maior em casa, pois os irmãos não são daquele jeito, não tem essa dificuldade, e os pais também por desconhecimento, fazem comparações que afetam fortemente o disléxico em razão da discriminação.

Ele percebe que alguma coisa está errada, a leitura auditiva comprometida faz com que ele perceba que não consegue entender plenamente a linguagem dos outros, a mãe fala uma coisa ele entende outra. Passam a ser crianças discriminadíssimas e o adulto também discriminado.

Quais as técnicas pedagógicas são eficazes, segundo a sua experiência, no ensino da leitura para disléxicos?

Há alguma estratégia que tem sido bem sucedida?

Primeiro se todas as crianças fossem trabalhadas desde cedo, e fossemos investigar, a gente detectaria qualquer problema, o que seria uma intervenção precoce, para isso existe metodologias que podem detectar precocemente e dislexia.

A segunda coisa é uma metodologia muito fácil é quase um segredo, porém hoje é possível, é a inteligência linguística.

A inteligência linguística envolve dois aspectos o primeiro é a consciência fonológica e o segundo é a memória de curta duração.

Se fizermos com nossas crianças brincadeiras com rimas, sons que combinam como “ão” ou outros sufixos, verifica-se que em um grupo de crianças algumas não conseguem entender.

A repetição continua da brincadeira de rima vai fazendo uma peneira que irá identificar aquela que tem um sintoma típico da dislexia que é a interpretação fonológica.

O uso de rimas é fácil e eficaz para identificar precocemente os sintomas da dislexia. Não perceber o som “ão” que é típico de nossa língua está relacionado à inteligência linguística.

Esse é um dado pois é o primeiro passo da consciência fonológica. Trabalhar a consciência fonológica então se refere a um método de intervenção eficaz na dislexia.

O outro aspecto da inteligência linguística envolve a memória de curta duração que se caracteriza pela não percepção do som dos fonemas.

Aqui no CEAME trabalhamos a intervenção de acordo com o problema que aparecer seja consciência fonológica ou memória de curta duração.

Como avalia a ausência de preparação dos professores com os quais convive, para lidar com disléxicos?

Quais as principais dificuldades que os professores enfrentam no ensino de crianças disléxicas?

Tem alguma estratégia para enfrentar essa dificuldade?

Um professor bem preparado pode identificar precocemente o problema da inteligência linguística que é um dos primeiros problemas a aparecerem.

Alguns disléxicos não tem problema de percepção do som e sim problemas de interpretação fonológica.

A atuação do profissional envolve atuar no esclarecimento da criança sobre o problema dela, essa estimulação continua dentro do tempo da criança, leva-a a perceber seu problema de aprendizagem, o seu entendimento de que não é incapaz e sim que é diferente, daí o processo de intervenção começa a surtir efeito.

A orientação da família e dos professores tornam a intervenção completa. A intervenção tem que ser feita na família na escola e no próprio sujeito o que possibilita a percepção da criança que ela está conseguindo superar os obstáculos, principalmente quando ela começa a ler pequenos trechos, sente-se vitoriosa o que afeta diretamente o seu auto julgamento.

É importante que se observe o processamento auditivo da criança, que envolve o tempo que o sujeito leva para entender os fonemas ouvidos. Trata-se da memória de curto prazo, muitas crianças tem falhas no processamento auditivo. Algumas não são disléxicas, porém todas as crianças disléxicas tem comprometimento do processo auditivo.

Algumas indicações de falha no processamento auditivo tem origem na ocorrência de virose continuas no sistema auditivo sofridas pela criança, essas ocorrências devem levar a suspeita de futuros distúrbios do processamento auditivo.

Se trabalhássemos as crianças na escola com estimulação do processamento auditivo, teríamos uma atuação precoce e fundamental para se reduzir as consequências da dislexia.

**Acha que a dislexia influencia também a autoestima do dislético?
Porque o diz?**

Primeiramente gostaria de saber o que você está colocando como autoestima do aluno.

Eu trato de uma criança que é dislética, já adolescente com 13 anos que não consegue ler, é revoltado já agrediu dois professores. A criança enfrenta um sofrimento intenso causado pela dislexia, pela forma como é julgado pelos outros, o que o leva a construir um mecanismo de defesa em muitas vezes relacionado com a agressividade.

Crianças disléticas que foram bem cuidadas, sentem-se agradecidas e aí o efeito na sua autoestima é positivo.

Como o psicólogo pode intervir? – É imprescindível intervir na família, porém intervir na escola é fundamental. A fonoaudiologia sempre esteve relacionada com a Educação. O profissional da fonoaudiologia é responsável também em cuidar dos processos de aprendizagem, inclusive na atuação com professores.

Há certa relação da dislexia com outros transtornos como o TDAH e a discalculia.

Apêndice G - Entrevista do Pai de uma criança disléxica

Quais são as suas atitudes em relação à dislexia do seu filho?

Fico muito preocupado com a dificuldade que ele tem na aprendizagem da leitura.

Como reagiu quando soube que o seu filho era dislèxico?

Ao certificar-me que ele estava enfrentando dificuldades na escola, procurei saber junto a Escola e professores, qual o problema e como ajudar.

Qual a sua percepção dos obstáculos causados pela dislexia no processo de aprendizagem do seu filho?

Acho que o principal obstáculo é não conseguir entender a junção das letras, após repetir para ele como soletrar, vejo que ele em seguida não consegue ler aquela mesma palavra que foi ensinada.

O comportamento social do seu filho é influenciado pela dislexia?

Acho que o comportamento dele é influenciado pela dificuldade que tem, acho que sente-se um pouco envergonhado por não conseguir ler da mesma forma que os colegas que não tem o mesmo problema.

Qual o papel da família quanto a atuação junto ao filho disléxico que possa contribuir para a superação dos obstáculos à aprendizagem causados pela dislexia?

O papel da família é apoiar e ajudar, já vi que reclamar e pressionar a criança não gera efeito, estou aprendendo com meu filho como lidar, e já percebi que apoiar e ajudar é a melhor maneira

Que percepção tem dos efeitos da dislexia na formação da autoestima do seu filho?

Percebo que a dislexia tem efeito desmotivador para o meu filho, sinto que a sua vontade de continuar tentando aprender diminui pelas dificuldades que enfrenta, acho que as vezes ele se sente incapaz.

Como você atua junto ao seu filho para ajudá-lo a compreender os sintomas da dislexia e combater os efeitos negativos na formação da autoestima?

Acho que estar acompanhando seu desenvolvimento escolar, ajudando-o e mostrando os acertos ajuda no processo.

Apêndice H - Entrevista do paciente J C - 10 anos

Acha que tem dificuldades de leitura?

Sim dificuldade de ler e escrever

Cite as principais dificuldades que enfrenta no processo de aprendizagem escolar relativos à leitura?

Sinto dificuldade de prestar atenção, escrever, o barulho me atrapalha. Tento ler com a tenção porém não consigo, tenho dificuldade de leitura na junção das letras, no som que formam. Fico sem entender, não sei nem o que vou perguntar para a professora.

Como enfrenta as dificuldades que sente pela dislexia?

Enfrento a dislexia tentando ler de novo aquilo que não consigo entender.

Tem amigos na sua classe? Sente -se bem quando está com os seus colegas?

Tenho poucos amigos na escola, sinto-me muito bem quando estou com eles, meu grupo de amigos.

O que pensa a sua família frente às dificuldades que enfrenta na aprendizagem escolar? Ajudam, ralham...

A atuação de minha família é de apoio me lembrando que tenho que fazer meu dever, me ajudando naquilo que tenho dificuldades.

Quem me ajuda mais é meu pai, porém minha mãe também me ajuda quando está comigo. Me sinto ajudado pelos meus pais, quando eles me explicam aquilo que eu não entendo

Como se sente como pessoa, quando pensa nas dificuldades por não ler bem?

Sente-se normal quando se compara com crianças que não o mesmo problema. Não gosta quando os colegas fazem gozação com crianças que não sabem fazer o dever, pois a dificuldade de leitura prejudica o desempenho delas, este é o meu caso.

Como gostaria que fossem as atitudes dos pais e professores em relação às dificuldades que enfrenta?

Acho que os professores deveriam ajudar mais teve um caso em que um professor me ajudou a entender o que estava escrito em uma pergunta de umaq prova,isso fez com que eu conseguisse tirar um ponto a mais.

Acho que os professores deveriam ajudar mais as crianças que tem dificuldade de leitura, quanto à família acho que a minha me ajuda bastante, acho que deveriam ser como a minha família.

Apêndice I - Entrevista do paciente M – 13 anos

Acha que tem dificuldades de leitura?

Sinto-me atrasado em relação aos outros alunos.

Cite as principais dificuldades que enfrenta no processo de aprendizagem escolar relativos à leitura?

Não consigo ler para o público, falho em algumas palavras.

Como enfrenta as dificuldades que sente pela dislexia?

Faço teatro na escola, quando faço teatro sinto-me melhor, gosto muito do teatro, pratico a leitura e consigo decorar as falas das peças.

Tem amigos na sua classe? Sente -se bem quando está com os seus colegas?

Tenho muitos amigos na escola, me sinto bem com eles, gosto de brincar, conversar, falar das tarefas. Não tenho problemas de relacionamento na escola

O que pensa a sua família frente às dificuldades que enfrenta na aprendizagem escolar? Ajudam, ralham...

A minha família procura me ajudar nas minhas dificuldades. Sinto-me ajudado pela minha família e pelos meus colegas da escola

Como se sente como pessoa, quando pensa nas dificuldades por não ler bem?

Sinto-me normal quando comparado com outros colegas que leem normal, porém fico um pouco chateado quando me vejo com dificuldades que os meus colegas não tem.

Como gostaria que fossem as atitudes dos pais e professores em relação às dificuldades que enfrenta?

Acho que a melhor forma que a família deve fazer é ajudar a entender o filho nos seus problemas. Um problema que ocorre com crianças que tem dificuldades de leitura é que enquanto milhares de outras estão avançando ela se sente atrasada.